

A que Herança Renunciamos?

Vladimir Ilitch Lénine

1897

Escrito na deportação nos fins de 1897

Publicado em 1898

na colectânea: Vladimir Iline, Estudos e Artigos Económicos

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine

Edição em Português da Editorial Avante, 1977, t1, pp 47-78

Traduzido das O. Completas de V.I.Lénine 5ª Ed. russo t.2 pp 505-550

Índice

I. Um dos representantes da «herança»

II. Os acrescentos do populismo à «herança»

III. A «herança» ganhou alguma coisa associando-se ao populismo?

IV. Os «iluministas», os populistas e os «discípulos»

V. O Sr. Mikháilovskí e a renúncia dos «discípulos» à herança

No n.º 10 da *Rússkoie Bogatstvo*¹ de 1897, o Sr. Mikháilovskí escreve, expondo a opinião do Sr. Mínski sobre os «materialistas dialécticos»: «ele (o Sr. Mínski) devia saber que esta gente não deseja ter nenhum laço de continuidade com o passado e renuncia decididamente à herança» (p. 179), ou seja, «à herança das décadas de 60 e de 70», à qual, já em 1891, o Sr. V. Rózanov tinha renunciado solenemente no *Moskóvskie Védomosti*² (p. 178).

Neste comentário do Sr. Mikháilovskí sobre os «discípulos³ russos» há um sem-número de falsidades. É verdade que o Sr. Mikháilovskí não é o único e original autor desta falsa afirmação de que «os discípulos russos renunciam à herança»; há muito tempo que ela é repetida pelos representantes da imprensa liberal-populista⁴ ao combater os «discípulos». No começo da sua furiosa guerra contra os «discípulos» o Sr. Mikháilovskí, se a memória não me falha, ainda não tinha inventado esta falsidade; outros se encarregaram disso antes dele. Mais tarde, ele considerou necessário utilizá-la também. À medida que os «discípulos» foram desenvolvendo os seus pontos de vista nas publicações russas, quanto mais exaustiva e pormenorizadamente se pronunciavam sobre toda uma série de problemas teóricos e práticos, menos objecções quanto à essência se podiam encontrar na imprensa adversária contra os pontos básicos da nova orientação, contra a noção do carácter progressivo do capitalismo russo, contra o absurdo da idealização populista do pequeno produtor, contra a necessidade de procurar a explicação das correntes do pensamento social e das instituições jurídico-políticas nos interesses materiais das diversas classes da sociedade russa. Estes pontos fundamentais foram silenciados, preferiu-se e prefere-se ainda não se falar neles; mas em contrapartida aumentaram as invenções para desacreditar a nova orientação. Entre estas invenções, «invenções infelizes», encontram-se também as frases em voga acerca de que «os discípulos russos renunciam à herança», acerca da sua rotura com as melhores tradições da parte melhor e mais avançada da sociedade russa, ou de que romperam a linha democrática, etc., etc., e muitas outras coisas do mesmo género. Já que estas frases foram extraordinariamente difundidas, devemos deter-nos a analisá-las minuciosamente e refutá-las. Para que a nossa exposição não apareça como carecendo de provas, começaremos por estabelecer um paralelo histórico-literário entre dois «publicistas do campo», que nós escolhemos para melhor caracterizar a «herança». Ressalvamos que nos limitaremos exclusivamente aos problemas económicos e publicísticos, analisando, de toda a «herança», somente estes e deixando de lado os problemas filosóficos, literários, estéticos, etc.

¹ *Rússkoie Bogatstvo* (A Riqueza Russa): revista mensal publicada de 1876 a 1918 em Petersburgo. A partir do início dos anos 90 passou para as mãos dos populistas liberais, com Mikháilovskí à frente. A partir de 1906 a revista torna-se órgão do partido semidemocrata-constitucionalista dos socialistas populares.

² *Moskóvskie Védomosti* (Notícias de Moscovo): um dos mais antigos jornais russos, editado pela Universidade de Moscovo a partir de 1756. Em 1863-1887 o cargo de redactor-editor do *Moskóvskie Védomosti* foi ocupado por M. N. Katkov. Reaccionário extremo, transformou o jornal num órgão nacionalista monárquico que fazia propaganda das ideias das camadas mais reaccionárias dos latifundiários e do clero. A partir de 1905 o *Moskóvskie Védomosti* foi um dos órgãos principais dos Cem-Negros. Foi encerrado nos fins de 1917.

³ Discípulos: adeptos de Marx e Engels. Este termo era usado nos anos 90 do século XIX como designação legal dos marxistas.

⁴ Populismo: corrente pequeno-burguesa no movimento revolucionário russo surgida nos anos 60-70 do século XIX. Os populistas lutavam pela liquidação da autocracia, pela entrega das terras dos latifundiários aos camponeses. Consideravam-se socialistas, mas o seu socialismo era utópico.

Os populistas negavam o carácter necessário do desenvolvimento das relações capitalistas na Rússia, viam na comunidade agrária o embrião do socialismo e pensavam, em conformidade com isso, que era o campesinato e não o proletariado a principal força revolucionária. Procurando erguer os camponeses para a luta contra a autocracia, os populistas iam ao campo, «ao povo» (daí o seu nome) mas não encontravam apoio.

O populismo atravessou várias etapas, evoluindo da democracia revolucionária para o liberalismo.

Nos anos 80-90, os populistas entraram na via da reconciliação com o tsarismo, exprimiam os interesses dos kulaks (camponeses ricos) e lutavam contra o marxismo.

I - Um dos Representantes da «Herança»

Há trinta anos, em 1867, começaram a ser publicados na revista *Otétchestvennie Zapíski*⁵ os ensaios publicísticos de Skáldine sob o título "Numa Aldeia Perdida e na Capital". Estes ensaios foram publicados ao longo de três anos, de 1867 a 1869. Em 1870 a autor compilou-os e editou-os num só volume sob o mesmo título⁶. A leitura deste livro, quase completamente esquecido hoje, é extraordinariamente instrutiva para o estudo do problema que nos interessa, ou seja, o da atitude dos representantes da «herança» em relação aos populistas e aos «discípulos russos». O título do livro não é absolutamente exacto. O próprio autor o notou e explica no prefácio que o tema se refere à atitude da «capital» em relação à «aldeia», isto é, trata-se de ensaios publicísticos sobre a aldeia e que não é sua intenção falar especialmente da capital. Isto é, talvez tenha tido esse propósito, mas não o julgou conveniente, e cita, para explicar esta inconveniência, a frase de um escritor grego: "como poderia, não quero; e como quereria, não posso".

Faremos uma breve exposição dos pontos de vista de Skáldine.

Começaremos pela reforma camponesa⁷, ponto de partida ao qual devem remontar inevitavelmente, ainda hoje, todos quantos desejem expor as suas concepções gerais sobre os problemas económicos e publicísticos. A reforma camponesa ocupa um grande espaço no livro de Skáldine. Skáldine foi talvez o primeiro autor que, de uma forma sistemática e baseando-se em numerosos factos e num exame minucioso de toda a vida do campo, soube mostrar a situação miserável dos camponeses depois de efectuada a reforma, o agravamento das suas condições de vida, as novas formas da sua dependência no terreno económico e jurídico e na vida quotidiana; numa palavra, soube expor tudo o que desde então foi mostrado e demonstrado, de forma circunstanciada e minuciosa, em numerosas análises e descrições. Todas estas verdades não constituem hoje novidade alguma, mas naquela época, não só constituíam uma novidade, mas até suscitavam a desconfiança da sociedade liberal, que temia que, por detrás das alusões às chamadas «deficiências da reforma», se ocultasse a sua condenação e uma simpatia velada pelo regime de servidão. O interesse que oferece a concepção de Skáldine é ainda maior por se tratar de um contemporâneo da reforma (e, possivelmente, até de um seu participante. Não dispomos de nenhum dado

⁵ *Otétchestvennie Zapíski* (Anais Pátrios): revista político-literária. Começou a ser editada em Petersburgo em 1820. A partir de 1839 torna-se a melhor revista progressista daquele período; nos anos 60 a revista uniu à sua volta a intelectualidade revolucionária democrática.

A revista era alvo de perseguições contínuas por parte da censura, e foi encerrada pelo governo tsarista em Abril de 1884.

⁶ Skáldine, *Numa Aldeia Perdida e na Capital*, São Petersburgo, 1870 (45 1 pp.). Não nos foi possível conseguir os números da *Otétchestvennie Zapíski* correspondentes a este período; portanto servimo-nos unicamente do livro. (Nota do Autor)

⁷ Reforma Camponesa de 1861: reforma que aboliu a servidão na Rússia. A necessidade da reforma foi determinada por todo o curso do desenvolvimento económico do país e pelo crescimento do movimento camponês de massas contra a exploração feudal. A reforma camponesa foi um passo na via da transformação da Rússia numa monarquia burguesa. A 19 de Fevereiro de 1861, Alexandre II assinou o Manifesto e o «Regulamento» sobre os camponeses que se libertaram da servidão. Foram «libertados», ao todo, 22,5 milhões de camponeses servos dos latifundiários. Porém, a propriedade latifundiária foi conservada. As terras camponesas foram declaradas propriedade dos latifundiários. Os camponeses só podiam obter um lote, em conformidade com normas estabelecidas pela lei (e se o latifundiário estivesse de acordo) caso pagassem um resgate. O resgate era pago pelos camponeses ao governo tsarista, que entregava a soma estabelecida aos latifundiários. Segundo cálculos aproximados, a nobreza feudal tinha, após a reforma, 71,5 milhões de deciatinas (amiga medida agrária russa equivalente a 1,09 ha), enquanto os camponeses tinham 33,7 milhões de deciatinas.

Os latifundiários, graças à reforma, apossaram-se de 1/5 e às vezes de 2/5 das terras camponesas.

O antigo sistema de corveias foi apenas minado pela reforma, mas não aniquilado. Os latifundiários mantinham nas suas mãos as melhores partes dos lotes camponeses («terras cortadas», bosques, prados, bebedouros, pastagens, etc.), sem os quais os camponeses não podiam manter uma exploração agrícola independente. Antes de chegar a acordo sobre o resgate, os camponeses eram considerados como sendo provisoriamente obrigados a trabalhar para o latifundiário, a cumprir obrigações para com o latifundiário sob a forma de renda em dinheiro e de corveias. O resgate pelos camponeses dos seus próprios lotes era um roubo descarado praticado pelos latifundiários e pelo governo tsarista.

histórico-literário nem biográfico sobre Skáldine). As suas concepções baseiam-se, por conseguinte, na observação directa, tanto da «capital» como da «aldeia» de então, e não no estudo de gabinete de material livresco.

Nas concepções de Skáldine sobre a reforma camponesa, chama principalmente a atenção do leitor actual, habituado às melosas narrações populistas sobre o tema, a extraordinária sobriedade do autor. Skáldine considera a reforma sem qualquer ilusão, sem nenhuma espécie de idealização, vê nela um acordo entre duas partes - os latifundiários e os camponeses - que, até então, tinham usufruído a terra em comum em determinadas condições e que agora se dividiram, modificando-se com essa divisão a posição jurídica de ambas as partes. Os interesses das partes foram o factor determinante da forma dessa divisão e da extensão que cada uma delas recebeu. Esses interesses determinavam as aspirações de cada uma das partes, mas a possibilidade de uma delas participar directamente na própria reforma e na solução prática dos diversos problemas da sua realização foi, entre outras coisas, o que determinou o seu predomínio. Tal é a interpretação que Skáldine dá à reforma. Quanto ao problema principal da reforma - o dos lotes e do pagamento do resgate -, Skáldine detém-se nele de forma particularmente minuciosa, voltando mais de uma vez a ele nos seus ensaios. (O seu livro divide-se em 11 ensaios independentes pelo seu conteúdo, e que pela sua forma parecem cartas do campo. O primeiro é datado de 1866 e o último de 1869.) No que diz respeito aos camponeses «com pouca terra», o livro não contém, claro está, nada de novo para o leitor contemporâneo, mas para o fim da década de 60 as suas afirmações eram tão novas como valiosas. Não nos propomos, naturalmente, repeti-las; só queremos assinalar as particularidades da caracterização que Skáldine faz deste fenómeno, que o distinguem vantajosamente dos populistas. Skáldine não fala de «escassez de terra», mas de que «se cortou uma parte demasiado importante das parcelas camponesas» (p. 213, bem como 214 e muitas outras; cf. título do ensaio III), de que os lotes maiores fixados pelo regulamento acabaram por ser inferiores aos que os camponeses possuíam antes da reforma (p. 257); cita, de passagem, algumas opiniões e comentários extraordinariamente característicos e típicos dos camponeses sobre este aspecto da reforma⁸. As explicações e provas deste facto são em Skáldine extraordinariamente fortes, vigorosas e mesmo brutais para um escritor como ele, em regra excepcionalmente moderado, sensato e, pelas suas concepções gerais, indubitavelmente burguês. Se até um escritor como Skáldine fala disso em termos tão enérgicos, quer dizer que o fenómeno chamou poderosamente a atenção. Skáldine também fala do carácter gravoso dos pagamentos de resgate, de uma maneira enérgica e fundamentada pouco comum, provando as suas afirmações com um grande número de factos. «Os impostos excessivos - lemos no subtítulo do ensaio III (1867) - são a principal causa da sua (dos camponeses) pobreza», e Skáldine mostra que os impostos são superiores aos rendimentos que o camponês obtém da terra; cita números de Os Trabalhos da Comissão de Impostos que mostram a distribuição dos impostos na Rússia cobrados às classes superiores e às inferiores, números que mostram que sobre estas últimas recaem 76% de todos os impostos e sobre as primeiras somente 17%, enquanto na Europa ocidental a relação é em toda a parte incomparavelmente mais favorável para as classes inferiores. No subtítulo do ensaio VII (1868) lê-se: «Os excessivos encargos monetários constituem uma das principais causas da miséria dos camponeses», e o autor mostra como as novas condições de vida exigiram imediatamente do camponês dinheiro, dinheiro e mais dinheiro; mostra como no «Regulamento» se aceitava em regra recompensar os latifundiários pela abolição da servidão (252), como o montante da renda em dinheiro era fixada «de acordo com os dados fornecidos pelos latifundiários, pelos seus administradores e pelos estarostas, isto é, segundo dados absolutamente arbitrários e carecendo de menor veracidade» (255), de modo que as rendas médias em dinheiro estabelecidas pelas comissões

⁸ «Ele (sublinhado pelo autor) cortou tanto a nossa terra que nos é impossível viver sem o que ele tirou; ele rodeou-nos por todos os lados com os seus campos de tal modo que não temos onde levar o gado a pastar; e é preciso ainda pagar à parte pelo nosso lote e outra vez à parte pela terra que ele nos cortou tanto quanto ele exige.» «Que melhoramento de vida este! - disse-me um mujique com certa instrução e avisado, um dos camponeses que no passado pagavam uma renda em dinheiro. - Deixaram-nos a renda em dinheiro como antes, mas cortaram-nos as terras.» (Nota do Autor)

tornavam-se mais elevadas do que o eram na realidade. «Ao fardo dos impostos acrescentou-se ainda para os camponeses a perda das terras que tinham usufruído durante séculos» (258). «Se a avaliação da terra para o resgate tivesse sido feita pelo seu valor real na época da emancipação e não segundo a capitalização da renda em dinheiro, o resgate poderia ter sido efectuado muito facilmente e não se necessitaria sequer da colaboração do governo, nem da emissão de títulos de crédito» (264). «O resgate, que segundo o espírito do Regulamento de 19 de Fevereiro deveria ser um alívio para os camponeses e coroar o melhoramento das suas condições de vida, na realidade tende frequentemente a aumentar ainda mais a miséria (269).

Fizemos todas estas citações, por si pouco interessantes e em parte antiquadas, para demonstrar com quanta energia se exprimia em favor dos interesses dos camponeses um escritor hostil à comunidade rural e que em toda uma série de problemas se pronunciou como um verdadeiro manchesteriano⁹. É muito instrutivo assinalar a total coincidência de quase todas as teses úteis e não reaccionárias do populismo com este manchesteriano. É evidente que, com tais concepções sobre a reforma, Skáldine não podia entregar-se a essa melosa idealização dela, como fizeram e fazem os populistas dizendo que ela sancionou a produção popular, que era superior às reformas camponesas europeias-ocidentais, que tinha feito da Rússia uma espécie de tabula rasa¹⁰, etc. Skáldine não disse e nem pôde dizer nada semelhante, mas, pelo contrário, disse francamente que a nossa reforma camponesa se tinha realizado em condições menos vantajosas para os camponeses, tinha sido menos proveitosa do que a do Ocidente. «Colocaremos a questão frontalmente, escrevia Skáldine, se perguntarmos porque é que as benéficas consequências da emancipação não se manifestam entre nós com a mesma rapidez e o mesmo crescimento progressivo como se manifestaram, por exemplo, na Prússia e na Saxónia no primeiro quartel do presente século» (221). «Na Prússia, como em toda a Alemanha, resgatavam-se não as parcelas dos camponeses, que já há muito eram reconhecidas por lei como sua propriedade, mas a prestação obrigatória de serviços aos latifundiários»(272).

Passemos agora do aspecto económico para o aspecto jurídico da reforma na apreciação de Skáldine. Skáldine é um ardente adversário da caução solidária¹¹, do sistema de passaportes internos e do poder patriarcal do «mir»¹² camponês (e da comunidade pequeno-burguesa) sobre os seus membros. No ensaio III (1867) ele insiste na necessidade de abolir a caução solidária, a capitação e o sistema de passaportes internos, na necessidade de estabelecer impostos patrimoniais igualitários e na substituição dos passaportes internos por certificados gratuitos e permanentes. «O imposto sobre passaportes no interior do país não existe em nenhum outro Estado civilizado» (109). Como é sabido, este imposto só foi abolido em 1897. No título do ensaio IV lemos: «A arbitrariedade das comunidades rurais e das dumas urbanas na entrega de passaportes e na cobrança de impostos a contribuintes ausentes...» «A caução solidária é um pesado fardo que os proprietários conscienciosos e diligentes devem suportar pelos vagabundos e ociosos»(126). Skáldine quer explicar a decomposição do campesinato, que já então começava a

⁹ Manchesterianos: representantes duma corrente da política económica da burguesia que exigiam a liberdade de comércio e a não-ingerência do Estado na actividade económica privada. Esta corrente surgiu em Inglaterra no fim do século XVII e é conhecida como livre-câmbio. Nos anos 30-40 do século XIX o baluarte do livre-cambismo na Inglaterra era representado pelos industriais da cidade de Manchester; é por isso que os livre-cambistas eram chamados também manchesterianos. A cabeça da escola manchesteriana estavam Cobden e Bright. As tendências do livre-cambismo manifestavam-se também na política da França, Alemanha, Rússia e outros Estados. O livre-câmbio teve a sua fundamentação teórica nas obras de A. Smith e D. Ricardo.

¹⁰ Tábuas rasas. (N. Ed.)

¹¹ Caução solidária: responsabilidade colectiva obrigatória dos camponeses de cada comunidade agrária pela entrega a tempo de todos os tributos em dinheiro e pelo cumprimento de diversas obrigações a favor do Estado e dos latifundiários (tributos, resgates, recrutamento, etc.). Esta forma de escravizar os camponeses, que esteve em vigor ainda depois da abolição da servidão na Rússia, só foi revogada em 1906.

¹² Comunidade camponesa na Rússia anterior à revolução. (N. Ed)

manifestar-se, pelas qualidades pessoais dos que progridem e dos que se arruinam. O autor descreve minuciosamente as dificuldades com que deparam os camponeses que vivem em São Petersburgo para obter e prorrogar os seus passaportes e refuta a objecção daqueles que dizem: «graças a Deus que toda esta massa de camponeses sem terra não foi adscrita às cidades e não veio aumentar o número de habitantes urbanos desprovidos de bens imóveis...»(130). «A bárbara caução solidária...»(131). «Pergunta-se: podem chamar-se cidadãos livres pessoas colocadas em tais condições?» «Não é isto o mesmo que os glebae adscripti?»¹³ (132). Culpa-se a reforma camponesa. «Mas, por acaso, é a reforma camponesa a culpada de que a legislação, depois de ter emancipado o camponês da sua servidão em relação ao latifundiário, não tenha podido conceber nada para o libertar da sujeição à comunidade e ao lugar do domicílio?... Onde está, então, a liberdade civil se o camponês não pode escolher o lugar de residência nem o género da sua ocupação?»(132). Skáldine, de forma verdadeiramente justa e acertada, chama ao nosso camponês «proletário sedentário» (231)¹⁴. No título do ensaio VIII (1868) lemos: «... A adscrição dos camponeses às suas comunidades e aos seus lotes é um obstáculo ao melhoramento das suas condições de vida... É um obstáculo ao desenvolvimento de trabalhos temporários fora da localidade.» «Além da sua ignorância e do esmagamento pelo peso do aumento progressivo dos impostos, uma das causas que entravam o desenvolvimento do trabalho camponês e, conseqüentemente, do seu bem-estar, é a sua adscrição às comunidades e lotes. Prender a mão-de-obra a um só lugar e acorrentar a comunidade da terra com laços indissolúveis é, por si só, uma condição extremamente desvantajosa para o desenvolvimento do trabalho, da iniciativa pessoal e da pequena propriedade agrária» (284). «Os camponeses, amarrados como estão aos seus lotes e às suas comunidades, privados da possibilidade de empregar o seu trabalho onde seja mais produtivo e mais vantajoso para eles, ficaram como congelados nesta forma de vida semelhante à de um rebanho, improdutivo, tal como saíram da servidão» (285). Por conseguinte, o autor considera estes problemas do modo de vida camponês de um ponto de vista nitidamente burguês, mas, apesar disso (ou mais exacto: precisamente por causa disso) aprecia, de forma extraordinariamente justa, o carácter pernicioso da adscrição dos camponeses para todo o desenvolvimento social e para os próprios camponeses. Este carácter pernicioso (acrescentaremos por nossa parte) manifesta-se com singular força nas camadas inferiores do campesinato, no proletariado rural. Skáldine diz muito justamente: «é louvável a preocupação da lei de que os camponeses não fiquem sem terra; mas não se deve esquecer que a preocupação dos próprios camponeses por este mesmo assunto é incomparavelmente mais forte que a de qualquer legislador» (286). Além da adscrição dos camponeses aos seus lotes e comunidades, até mesmo o seu afastamento provisório para ganhar uma jorna tropeça com inumeráveis restrições e gastos, como consequência da caução solidária e do sistema dos passaportes» (298). «Uma infinidade de camponeses encontrariam, a meu ver, uma saída para a difícil situação actual se fossem adoptadas ... medidas tendentes a facilitar aos camponeses a possibilidade de renunciar à terra» (294). Aqui Skáldine exprime um desejo que contradiz radicalmente todos os projectos

¹³ Camponeses da época do antigo Império Romano adscritos à terra que cultivavam e da qual não podiam afastar-se, por mais desvantajosas que fossem essas terras. (N. Ed.)

¹⁴ Skáldine mostrou muito pormenorizadamente a justeza não só da segunda, mas também da primeira parte desta definição (proletário). Dedicou muito espaço nos seus ensaios à descrição da situação de dependência dos camponeses e da sua miséria, da difícil situação dos assalariados agrícolas, à «descrição da fome de 1868» (título do ensaio V) e de toda a espécie de formas de sujeição e de humilhação do camponês. Tanto na década de 60, como também na de 90, houve quem silenciasse e negasse a existência da fome. Skáldine protestou veementemente contra essas pessoas. Seria evidentemente supérfluo citar extractos detalhados sobre essa matéria. (nota do Autor)

populistas, que se resumem ao contrário: o fortalecimento da comunidade¹⁵, a inalienabilidade dos lotes, etc. Numerosos factos comprovaram plenamente desde então que Skáldine tinha razão: manter a sujeição dos camponeses à terra e o carácter fechado da comunidade camponesa do ponto de vista de estados sociais só agrava a situação do proletariado rural, entrava o desenvolvimento económico do país e não oferece absolutamente nenhuma condições para defender o «proletariado sedentário» contra as piores formas de sujeição e de dependência, contra a queda vertical do salário e do nível de vida.

Das citações transcritas acima o leitor já pode deduzir que Skáldine é inimigo da comunidade rural. Ergue-se contra a comunidade e a redistribuição dos lotes colocando-se do ponto de vista da propriedade pessoal, do espírito empreendedor, etc. (p. 142 e segs.). Skáldine refuta os defensores da comunidade afirmando que o «direito consuetudinário secular» já caducou: «Em todos os países, à medida que os habitantes do campo se punham em contacto com o meio civilizado, o direito consuetudinário foi perdendo a sua pureza primitiva, foi-se corrompendo e deformando. Este fenómeno observa-se também no nosso país: o poder da comunidade rural converte-se pouco a pouco em poder de vampiros e de escrivães rurais, e em vez de defender a pessoa do camponês oprime-o como um pesado jugo» (143), observação muito justa, cuja verdade foi confirmada durante os últimos 30 anos por uma infinidade de factos. «A família patriarcal, a posse comunal da terra, o direito consuetudinário», estão, na opinião de Skáldine, irremediavelmente condenados pela história. «Aqueles que quisessem conservar para sempre estes venerandos monumentos dos séculos passados demonstrariam com isso que estão mais dispostos a deixarem-se arrastar por uma ideia do que a penetrarem na realidade e compreenderem a marcha irresistível da história» (162), e Skáldine acrescenta a esta observação efectivamente justa uma veemente filípica manchesteriana. «O usufruto comunal da terra - diz noutra lugar - coloca cada camponês na situação de escravo em relação a toda a comunidade» (222). Assim, portanto, a incondicional hostilidade à comunidade rural de um ponto de vista puramente burguês associa-se em Skáldine com a defesa consequente dos interesses dos camponeses. Skáldine não relaciona de modo algum a hostilidade à comunidade rural com os insensatos projectos de aniquilação violenta da comunidade nem com a implantação pela força de outro sistema similar de posse da terra, projectos estes que são ideados usualmente por adversários modernos da comunidade rural, que propugnam uma descarada ingerência na vida camponesa e se pronunciam contra a comunidade rural sem tomar em consideração os interesses dos camponeses. Skáldine, pelo contrário, protesta energicamente contra a sua inclusão entre os partidários «da destruição violenta do usufruto comunal da terra» (144). «O Regulamento de 19 de Fevereiro - diz ele - deixou muito sabiamente aos próprios camponeses... a decisão de passar... do usufruto comunal ao usufruto familiar. Efectivamente, ninguém, além dos próprios camponeses, pode decidir com conhecimento de causa da oportunidade de tal passagem». Daí decorre que Skáldine é adversário da comunidade rural só porque ela entrava o desenvolvimento económico, impede a saída dos camponeses da comunidade, a renúncia à terra, ou seja, condena-a no mesmo sentido em que agora se manifestam os «discípulos russos»; esta hostilidade não tem nada em comum com a defesa dos interesses egoístas dos latifundiários, nem com a defesa dos vestígios e do espírito do regime de servidão, nem com a defesa da ingerência na vida dos camponeses. É muito importante ter em conta esta diferença, pois os populistas de

¹⁵ Comunidade (agrária) na Rússia: forma do sistema de usufruto comum do solo pelos camponeses que se caracterizava por um afolhamento coercivo e pela indivisibilidade dos bosques e pastagens. Os principais traços da comunidade agrária russa eram a caução solidária, a partilha sistemática da terra e a impossibilidade de renunciar à terra, a proibição de comprar e vender terras

A comunidade era conhecida na Rússia já desde tempos remotos. No decurso do desenvolvimento histórico a comunidade tornou-se pouco a pouco um dos esteios do feudalismo na Rússia. Os latifundiários e o governo tsarista utilizavam a comunidade para fortalecer o jugo feudal e para extorquir pagamentos de resgate e tributos monetários ao povo.

Em 1906 o ministro tsarista Stolípine emitiu uma lei no interesse dos kulaks segundo a qual se permitia aos camponeses a saída da comunidade e a venda dos lotes. No decorrer dos nove anos seguintes à promulgação dessa lei, que deu início à liquidação oficial do regime de comunidades no campo e aumentou a diferenciação do campesinato, saíram da comunidade mais de 2 milhões de pequenos proprietários rurais.

hoje, que estão acostumados a ver os inimigos da comunidade rural somente no campo do Moskóvskie Védomosti, etc., afectam de bom grado não entender nenhuma outra forma de hostilidade para com a comunidade rural.

O ponto de vista geral de Skáldine a respeito das causas da penosa situação dos camponeses reduz-se a que todas elas assentam nos vestígios da servidão. Ao descrever a fome do ano de 1868, Skáldine observa que os defensores da servidão se referiam com malévola alegria a essa fome, dizendo que a sua causa residia na indisciplina dos camponeses, na supressão da tutela latifundiária, etc. Skáldine ergue-se vivamente contra estes pontos de vista. «As causas do empobrecimento dos camponeses - diz ele - foram herdadas do regime da servidão (212), e não são o resultado da sua abolição; são estas as causas gerais que mantêm a maioria dos nossos camponeses num nível próximo do proletariado», e Skáldine repete as opiniões já citadas sobre a reforma. É absurdo atacar as partilhas entre membros de uma mesma família: «Mesmo que as partilhas prejudiquem momentaneamente os interesses materiais dos camponeses, em compensação salvaguardam a sua liberdade pessoal e a dignidade moral da família camponesa, ou seja, os bens supremos do homem, sem os quais é impossível qualquer progresso cívico» (217), e Skáldine indica com razão as verdadeiras causas da campanha contra as partilhas: «muitos latifundiários exageram os prejuízos que decorrem das partilhas, e lançam sobre elas, da mesma forma que sobre o alcoolismo, todas as consequências das diversas causas da pobreza dos camponeses, cujo reconhecimento é tão desagradável aos latifundiários» (218). Aos que dizem que agora se fala muito na pobreza dos camponeses, ao passo que antes não se falava nisso - o que provaria que a situação se agravou -, Skáldine responde: «Para que se possa avaliar os resultados da emancipação do jugo dos latifundiários, através da comparação da actual situação dos camponeses com a anterior, ter-se-ia que, ainda no tempo em que imperava a servidão, cortar os lotes camponeses tal como estão cortados, impor aos camponeses de então todas as obrigações que surgiram depois da emancipação e ver-se-ia então se os camponeses teriam podido suportar tal situação» (219). É um traço altamente característico e importante das concepções de Skáldine, que reduz todas as causas do agravamento da situação dos camponeses aos vestígios da servidão, a qual deixou como herança as prestações em trabalho, as rendas em dinheiro, os cortes de terra, a falta de direitos individuais e a obrigatoriedade de os camponeses terem um lugar de residência fixo. Skáldine não só não vê o facto de que no próprio regime das novas relações socioeconómicas, no próprio regime da economia posterior à reforma possam residir as causas do empobrecimento dos camponeses, como nem sequer admite tal pensamento, porque está profundamente convicto de que com a total abolição de todos estes vestígios da servidão virá a prosperidade geral. O seu ponto de vista é precisamente negativo: eliminai os entraves ao livre desenvolvimento do campesinato, eliminai os grilhões herdados da servidão e tudo irá pelo melhor neste mundo, que é o melhor dos mundos. «Por parte do poder estatal - diz Skáldine - neste caso (ou seja, em relação ao campesinato) só pode haver um caminho: a gradual e contínua eliminação das causas que levaram o nosso camponês ao actual embrutecimento e pobreza e que não lhe permitem levantar-se e refazer-se» (224, sublinhado por mim). É extremamente característica neste aspecto a resposta de Skáldine àqueles que defendem a «comunidade» (ou seja, a sujeição dos camponeses à comunidade rural e aos lotes) e que alegam que, caso contrário, «se formaria um proletariado rural». «Esta objecção - diz Skáldine - refuta-se a si mesma se pensarmos nas imensas extensões de terra que temos por cultivar e que não encontram mão-de-obra que as trabalhe. Se a lei deixar de impor restrições à distribuição natural da mão-de-obra, na Rússia só poderão ser verdadeiros proletários os mendigos profissionais ou aqueles que são irremediavelmente corruptos e se entregam à bebida» (144); esse é um ponto de vista típico dos economistas e «iluministas» do século XVIII, que acreditavam que a abolição da servidão e de todos os seus vestígios criaria na terra o reino do bem-estar geral. Um populista olharia Skáldine provavelmente com altivez e diria simplesmente: ele é um burguês. Sim, efectivamente Skáldine é um burguês, mas é um representante de uma ideologia burguesa progressista, ao passo que o populista representa uma ideologia pequeno-burguesa e, numa série de pontos, reaccionária. Quanto aos interesses práticos e reais dos camponeses, que coincidem e coincidem

com as exigências do desenvolvimento social no seu conjunto, este «burguês» sabia defendê-los ainda melhor que um populista¹⁶!

Para concluir a caracterização das concepções de Skáldine, acrescentaremos que ele é adversário da divisão da sociedade em estados sociais, é defensor de um tribunal único para todos os estados sociais, simpatiza «em teoria» com a administração de vólost sem estados sociais, é partidário ardente da instrução pública, sobretudo da instrução geral, é partidário da autonomia administrativa e das instituições do zemstvo¹⁷, é partidário de um amplo crédito agrícola, sobretudo do pequeno crédito, pois a sua procura pelos camponeses para a compra de terras é grande. Também aqui se manifesta o «manchesteriano»: Skáldine diz, por exemplo, que os bancos dos zemstvos e urbanos são uma «forma patriarcal ou primitiva de bancos», que devem ceder o lugar aos bancos privados, os quais possuem «todas as vantagens»(80). A valorização da terra «pode ser alcançada através da reanimação da actividade industrial e comercial nas nossas províncias»(71), etc.

Resumindo. Pelo carácter das suas concepções, Skáldine pode ser chamado um burguês iluminista. As suas concepções lembram extraordinariamente as dos economistas do século XVIII (claro está, com a devida refracção das mesmas através do prisma das condições russas), e o carácter «iluminista» geral da «herança» da década de 60 foi por ele expresso de modo bastante nítido. Tal como os «iluministas» da Europa ocidental, e como a maioria dos representantes da literatura da década de 60, Skáldine é animado por um ódio ardente ao regime de servidão e a todas as suas manifestações no domínio económico, social e jurídico. Este é o primeiro traço característico do «iluminista». O segundo traço característico, comum a todos os «iluministas» russos, é a fervorosa defesa da instrução, da autonomia administrativa, da liberdade, das formas europeias de vida e em geral da europeização da Rússia em todos os aspectos. Finalmente, o terceiro traço característico do «iluminista» é a defesa dos interesses das massas populares, principalmente dos camponeses (que ainda não estavam completamente emancipados ou que apenas se iam emancipando na época dos «iluministas»), a sincera fé de que a abolição da servidão e dos seus vestígios proporcionaria o bem-estar geral e o sincero desejo de contribuir para isso. Estes três traços constituem a essência daquilo que entre nós se chama a «herança da década de 60», e é importante sublinhar que nesta herança não há nada de populista. Na Rússia há muitos escritores que pelas suas concepções correspondem aos mencionados traços característicos e que nunca tiveram nada de comum com o populismo. Quando na concepção do mundo de um escritor existem os mencionados traços ele é reconhecido por todos como um «depositário das tradições da década de 60», de modo plenamente independente da sua atitude para com o populismo. Ninguém pensaria evidentemente em dizer que, por exemplo, o Sr. M. Stassiulévitch, cujo jubileu foi festejado há pouco, «renegou a herança» por ter sido adversário do populismo ou ter uma atitude indiferente para com os problemas apresentados por este.

¹⁶ E inversamente: todas as medidas práticas progressistas que encontramos entre os populistas são pelo seu conteúdo plenamente burguesas, isto é, favorecem precisamente o desenvolvimento capitalista e nenhum outro. Só pequenos burgueses podiam ter inventado a teoria de que a ampliação da propriedade camponesa da terra, a diminuição dos impostos, a migração interna, o crédito, o progresso da técnica, a regulação da venda, e outras medidas semelhantes, podem servir os interesses da chamada «produção popular». (Nota do Autor)

¹⁷ Zemstvo: forma de auto-administração local sob a égide da nobreza nas províncias centrais da Rússia tsarista, introduzida em 1864. A competência dos zemstvos era limitada às questões económicas puramente locais (organização dos hospitais, construção de estradas, estatísticas, seguros). A sua actividade desenvolvia-se sob o controlo dos governadores e do ministro do Interior, que podiam suspender as resoluções indesejáveis para o governo.

Tomámos Skáldine¹⁸ como exemplo precisamente pelo facto de que, sendo ele um representante incontestável da «herança», ser ao mesmo tempo um inimigo aberto das instituições do passado de que o populismo assumiu a defesa.

Dissemos que Skáldine é um burguês. As provas desta caracterização já citadas são mais do que suficientes, mas é indispensável fazer a ressalva de que entre nós se compreende com frequência de modo absolutamente incorrecto, estreito e anti-histórico esta palavra, ligando-a (sem distinguir épocas históricas) à defesa egoísta dos interesses de uma minoria. Não se deve esquecer que na época em que escreviam os iluministas do século XVIII (que são reconhecidos pela opinião geral como dirigentes da burguesia), e em que escreviam também os nossos iluministas das décadas de 40 a 60, todos os problemas sociais se reduziam à luta contra a servidão e os seus vestígios. As novas relações económicas e sociais e as suas contradições encontravam-se ainda em estado embrionário. Por isso, nenhum interesse egoísta se manifestava então nos ideólogos burgueses; ao contrário, tanto no Ocidente como na Rússia eles acreditavam com toda a sinceridade na prosperidade geral e desejavam-na sinceramente; não viam sinceramente (e em certa medida não podiam ver ainda) as contradições do regime que surgia do regime de servidão. Não é sem razão que Skáldine cita Adam Smith numa passagem do seu livro: vimos que tanto as suas concepções como o carácter da sua argumentação repetiam em muitos pontos as teses deste grande ideólogo da burguesia avançada.

Pois bem, se confrontarmos as aspirações práticas de Skáldine, por um lado com as concepções dos populistas contemporâneos, e por outro lado com a atitude dos «discípulos russos» para com elas, veremos que os «discípulos» estarão sempre a favor das aspirações de Skáldine, pois estas expressam os interesses das classes sociais progressistas, os interesses vitais de todo o desenvolvimento social pela presente via, ou seja, a capitalista. E o que foi alterado pelos populistas nestas aspirações práticas de Skáldine ou no seu modo de formular os problemas é um facto negativo que os «discípulos» rejeitam. Os discípulos «atacam» não a «herança» (isso é uma invenção absurda), mas os acrescentos românticos e pequeno-burgueses à herança por parte dos populistas. E agora passaremos à análise destes acrescentos.

II - Os Acrescentos do Populismo à «Herança»

De Skáldine passaremos a Engelhardt. As suas cartas Do Campo¹⁹ também são ensaios publicísticos sobre o campo, de modo que o seu livro, tanto pelo conteúdo como até pela forma, é muito semelhante ao livro de Skáldine. Engelhardt é muito mais talentoso do que Skáldine, as suas cartas da aldeia foram escritas de modo incomparavelmente mais vivo e mais imaginativo. Não possui extensos raciocínios como os do respeitável autor de Numa Aldeia Perdida e na Capital, mas em compensação tem muito mais

¹⁸ Talvez nos objectem que Skáldine não é típico da década de 60 pela sua hostilidade à comunidade rural e pelo seu tom. Mas aqui não se trata apenas da comunidade rural. Trata-se das concepções comuns a todos os iluministas e que são compartilhadas também por Skáldine. Quanto ao seu tom, efectivamente talvez ele não seja típico devido à sua maneira serena, moderada e gradual de raciocinar, etc. Não é por acaso que Engels chamou a Skáldine liberalkonservativ [No artigo Soziales aus Russland (Sobre as relações sociais na Rússia), Engels definiu Skáldine como conservador moderado.]. Todavia, tomar como exemplo um representante da herança com um tom mais típico seria, em primeiro lugar, inconveniente por diversos motivos, e, em segundo lugar, poderia originar mal-entendidos [Ao falar da «herança» ideológica dos anos 60 do século XIX, Lênine era forçado, por causa da censura, a referir-se a Skáldine. Mas na realidade era N. G. Tchernichévski que era considerado por Lênine o principal representante da «herança» referida.] ao estabelecer um paralelo com o populismo actual. Pelo próprio carácter do nosso objectivo, o tom (contrariamente ao provérbio) não faz a música, e o tom de Skáldine, precisamente por não ser típico, destaca com maior relevo a sua «música», ou seja, o conteúdo das suas concepções. E a nós interessa-nos apenas esse conteúdo. É unicamente pelo conteúdo das concepções (e de modo algum pelo tom dos escritores) que pretendemos traçar o paralelo entre os representantes da herança e os populistas da época actual. (Nota do Autor)

¹⁹ Trata-se das cartas Do Campo do publicista populista A. N. Engelhardt, que ganharam grande popularidade. Onze cartas foram inseridas na revista Otéchestvennie Zapiski em 1872-1881; a décima segunda carta foi publicada em 1887.

imagens e caracterizações acertadas. Não é de admirar que o livro de Engelhardt goze de uma simpatia tão sólida entre o público leitor e tenha sido recentemente reeditado, ao passo que o livro de Skáldine quase está esquecido, apesar de as cartas de Engelhardt terem começado a ser publicadas na Otétchestvennie Zapíski apenas dois anos depois da edição do livro de Skáldine. Por isso não temos nenhuma necessidade de falar aos leitores sobre o conteúdo do livro de Engelhardt, e limitar-nos-emos a dar uma breve caracterização de dois aspectos das suas concepções: em primeiro lugar, das concepções próprias da «herança» em geral e, em particular, comuns a Engelhardt e a Skáldine; em segundo lugar, das concepções especificamente populistas. Engelhardt é já um populista, mas nas suas concepções ainda existem tantos traços comuns a todos os iluministas, tem tanto daquilo que foi rejeitado ou modificado pelo populismo contemporâneo que temos dificuldades em situá-lo: entre os representantes da «herança» em geral, sem nenhum matiz populista, ou entre os populistas.

Dos primeiros, Engelhardt aproxima-se antes de mais pela notável sensatez das suas concepções, pela maneira simples e directa de caracterizar a realidade, pela implacável denúncia de todas as qualidades negativas dos «pilares» em geral e do campesinato em particular, desses mesmos «pilares» cuja falsa idealização e embelezamento são parte integrante e necessária do populismo. O populismo de Engelhardt, expresso de forma muito débil e tímida, está por isso mesmo em contradição directa e flagrante com o quadro da realidade da aldeia, que ele traçou com tanto talento; e se qualquer economista ou publicista tomasse como base dos seus juízos sobre a aldeia os dados e observações fornecidos por Engelhardt²⁰, ser-lhe-ia impossível tirar deles conclusões populistas. A idealização do camponês e da sua comunidade é uma das partes integrantes e necessárias do populismo, e os populistas de todos os matizes, a começar pelo Sr. V. V. e terminando pelo Sr. Mikháilovski, deram uma grande contribuição a esta tendência para idealizar e embelezar a «comunidade». Em Engelhardt não existe nem sombra de tal embelezamento. Em contraste com a fraseologia corrente sobre o espírito de comunidade do nosso camponês e com o costume de contrapor este «espírito de comunidade» ao individualismo das cidades, à concorrência na economia capitalista, etc., Engelhardt põe a descoberto de maneira implacável o fantástico individualismo do pequeno agricultor. Mostra pormenorizadamente que «quando se trata da propriedade, os nossos camponeses levam ao extremo o espírito de propriedade» (p. 62, citado segundo a edição de 1885); que eles não toleram o «trabalho em comum», odiando-o por motivos estreitamente pessoais e egoístas: no trabalho em comum cada um «teme trabalhar mais do que o vizinho» (p. 206). Este temor de trabalhar mais chega ao cúmulo do cómico (talvez mesmo do tragicómico) quando o autor relata como as mulheres que vivem numa mesma casa, que cuidam de um mesmo lar e que pertencem a uma mesma família lavam cada uma delas separadamente a parte da mesa na qual comem; ou como ordenham as vacas cada uma por sua vez, recolhendo cada uma o leite para o seu filho (com medo que o escondam) e preparando cada uma delas à parte a papa para o seu filho (p. 323). Engelhardt expõe com tantos pormenores estes traços, confirma-os com tal número de exemplos, que não se lhes poderia atribuir um carácter fortuito. Das duas uma: ou Engelhardt é um observador que não presta para nada e que não merece confiança, ou tudo o que se conta sobre o espírito de comunidade e as qualidades comunitárias do nosso camponês é uma mera invenção, a qual atribui à economia traços deduzidos da forma de propriedade da terra (além de que dessa forma de propriedade da terra se abstraem todos os seus aspectos administrativos e fiscais). Engelhardt mostra que a tendência do mujique na sua actividade económica é a de se tornar kulak: «em cada camponês há uma certa dose de kulak» (p. 491), «o ideal do kulak impera no meio camponês» ... «Assinalei mais de uma vez que nos camponeses está extraordinariamente desenvolvido o

²⁰ Diga-se de passagem: isso seria não só extraordinariamente interessante e instrutivo, mas seria também um procedimento plenamente legítimo para um economista-investigador. Se os homens de ciência confiam nos materiais dos inquéritos - nas respostas e opiniões de muitos proprietários, com frequência parciais e pouco entendidos, que carecem de uma concepção coerente e cujos pontos de vista não foram bem meditados -, porque então não confiar nas observações que durante 11 anos inteiros fez um homem com um notável espírito de observação e de irrefutável sinceridade, um homem que estudou muito bem a matéria de que fala? (Nota do Autor)

individualismo, o egoísmo, a tendência para a exploração» ... «Cada um orgulha-se de ser um peixe grande e procura devorar o pequeno.» Engelhardt demonstra de maneira magistral que a tendência do camponês não é precisamente para o regime «de comunidade» e de modo algum para a «produção popular», mas para o mais comum regime pequeno-burguês, próprio de todas as sociedades capitalistas. A aspiração de todo o camponês abastado de dedicar-se a operações comerciais (363), de emprestar cereais reembolsáveis em trabalho, de comprar o trabalho do mujique pobre (pp. 457, 492 e outras), ou seja, em linguagem económica, a transformação dos mujiques empreendedores em burguesia rural, foi descrita e demonstrada por Engelhardt de modo irrefutável. «Se os camponeses não passarem para a economia em forma de artel - diz Engelhardt - e continuarem a explorar as suas propriedades em separado, então, mesmo que haja abundância de terra, entre os camponeses lavradores existirão camponeses sem terra e assalariados agrícolas. Direi ainda mais: creio que a diferença entre as propriedades dos camponeses será ainda mais considerável do que agora. Apesar da posse comunal da terra, existirão, ao lado dos "ricachos", muitos camponeses sem terra, praticamente assalariados. De que me serve a mim ou aos meus filhos ter direitos sobre a terra se eu não tenho nem capital, nem instrumentos para trabalhar? É o mesmo que dar terra a um cego e dizer-lhe: come-a!» (p. 370). A «economia em forma de artel» aparece aqui com uma certa ironia triste, solitária, como um bom e inocente desejo que, longe de resultar dos dados sobre o campesinato, é, ao contrário, expressamente refutado e excluído por eles.

Um outro traço que aproxima Engelhardt dos representantes da herança sem qualquer matiz populista é a sua convicção de que a causa principal e básica da situação de miséria dos camponeses reside nos vestígios do regime de servidão e na regulamentação que lhe é própria. Eliminais estes vestígios e esta regulamentação e o problema estará resolvido. A atitude absolutamente negativa de Engelhardt para com a regulamentação, a sua sarcástica ridicularização de todas e quaisquer tentativas de beneficiar o mujique através da regulamentação vinda de cima, estão na mais franca contradição com as esperanças populistas «na razão e na consciência, na sabedoria e no patriotismo das classes dirigentes» (palavras do Sr. Iujakov na *Rússkoie Bogatstvo*, 1896, n.º 12, p. 106), com a projectomania dos populistas sobre a «organização da produção», etc. Recordemos com que sarcasmo Engelhardt arremetia contra a disposição que estabelece que não seja permitida a venda de vodka nos moinhos, disposição que visa o «bem» do mujique; com que indignação fala sobre as decisões obrigatórias de alguns zemstvos em 1880 de não semear centeio antes de 15 de Agosto, sobre esta grosseira ingerência dos «cientistas» de gabinete na economia de «milhões de proprietários agricultores», também com o pretexto de velar pelos interesses dos mujiques (p. 424). Falando de regulamentos e disposições como a proibição de fumar nos bosques de coníferas, de pescar lúcius na Primavera, de cortar bétulas para o «Maio», de destruir ninhos, etc., Engelhardt assinala sarcasticamente:... «a sorte do mujique sempre foi e continua a ser a principal preocupação dos intelectuais. Quem vive para si mesmo? Todos vivem para o mujique!... O mujique é estúpido, é incapaz de arranjar-se sozinho. Se ninguém se preocupa com ele, é capaz de queimar todos os bosques, exterminar todos os pássaros, pescar todos os peixes, esgotar a terra e acabar consigo mesmo» (398). Diga-me, leitor, poderia este escritor ter alguma simpatia, por exemplo, pelas leis predilectas dos populistas sobre a inalienabilidade das parcelas? Poderia ele dizer algo semelhante à frase que citámos de um dos pilares da *Rússkoie Bogatstvo*? Poderia ele compartilhar o ponto de vista de um outro pilar da mesma revista, o Sr. N. Kárichev, que censura os nossos zemstvos provinciais (na década de 90!) por «não encontrarem lugar» «para grandes e sérias despesas sistemáticas na organização do trabalho agrícola»?²¹

²¹ *Rússkoie Bogatstvo*, 1896, n.º 5, Maio. Artigo do Sr. Kárichev sobre as despesas dos zemstvos provinciais em medidas económicas, p. 20. (Nota do Autor)

Citaremos ainda um traço que aproxima Engelhardt de Skáldine: é a sua atitude inconsciente em relação a muitas aspirações e medidas puramente burguesas. Não é que Engelhardt tivesse querido embelezar os pequenos burgueses nem procurar argumentos (à la²² Sr. V. V.) contra o emprego deste qualificativo, em relação a estes ou àqueles empresários. Não, de modo nenhum, Engelhardt, sendo simplesmente um proprietário prático, sente-se atraído por tudo o que é progressivo e contribui para o melhoramento da propriedade sem notar de modo nenhum que a forma social destes melhoramentos é a melhor refutação das suas próprias teorias sobre a impossibilidade do capitalismo no nosso país. Lembremos, por exemplo, como ele se entusiasma com os êxitos alcançados por ele próprio na sua propriedade graças ao sistema do trabalho à tarefa (para bater o linho, para debulhar, etc.). Engelhardt parece nem sequer perceber que a substituição da remuneração por tempo pela remuneração à tarefa é um dos procedimentos mais utilizados da economia capitalista em desenvolvimento, mediante o qual se consegue o aumento da intensificação do trabalho e o aumento da taxa de mais-valia. Outro exemplo. Engelhardt ridiculariza o programa do Zemledéltcheskaia Gazeta²³, que diz: «a cessação do arrendamento dos campos por krug²⁴, a organização das explorações com base no trabalho de assalariados agrícolas, a introdução de máquinas e instrumentos de trabalho aperfeiçoados, a criação de gado de raça, o sistema de rotação de cultivos, o melhoramento dos prados e das pastagens, etc., etc.» - «Mas tudo isso não passa de frases gerais!» - exclama Engelhardt (128). E, no entanto, foi justamente este programa que Engelhardt pôs em prática na sua actividade económica, e o progresso técnico alcançado na sua propriedade deve-se exactamente ao facto de ter organizado a sua exploração na base do emprego de assalariados. E mais ainda: vimos como Engelhardt desmascarou com franqueza e exactidão as verdadeiras tendências do mujique empreendedor; mas isso não o impediu de modo nenhum de afirmar «não são fábricas que são necessárias, mas sim pequenas (sublinhado por Engelhardt) destilarias e manteigarias rurais», etc. (p. 336), ou seja, «é necessário» que a burguesia rural passe a desenvolver as indústrias técnicas agrícolas, passagem esta que sempre e por toda a parte foi um dos mais importantes sintomas do capitalismo agrário. Aqui manifesta-se o facto de que Engelhardt não foi um teórico, mas sim um proprietário prático. Uma coisa é argumentar sobre a possibilidade do progresso sem o capitalismo, outra coisa é dirigir a sua própria propriedade. Colocado ante a tarefa de organizar racionalmente a sua propriedade, Engelhardt foi obrigado, por força das circunstâncias que o rodeavam, a conseguir isso através de procedimentos puramente capitalistas e a deixar de lado todas as suas dúvidas teóricas e abstractas no que respeita ao «emprego de assalariados agrícolas». Skáldine raciocinava em teoria como um manchesteriano típico, não notando minimamente este carácter dos seus raciocínios nem a sua concordância com as necessidades da evolução capitalista da Rússia. Engelhardt foi obrigado a actuar na prática como um manchesteriano típico, contrariamente ao seu protesto teórico contra o capitalismo e ao seu desejo de acreditar que a sua pátria seguia uma via particular.

Mas Engelhardt tinha esta crença, e é isto que nos obriga a chamá-lo populista. Engelhardt já vê com clareza a verdadeira tendência do desenvolvimento económico da Rússia e começa a negar as contradições deste desenvolvimento. Esforça-se por demonstrar a impossibilidade do capitalismo agrário na Rússia, por demonstrar que «nós não temos knecht»²⁵ (p. 556) - apesar de ele próprio ter refutado do modo mais pormenorizado as fábulas sobre o elevado custo da nossa mão-de-obra, de ele próprio ter mostrado o mísero salário por que trabalharam o seu vaqueiro Piótr e a sua família, ao qual ficam, fora a manutenção, 6 rublos por ano «para a compra de sal, óleo vegetal e roupas» (p. 10). «E ainda o invejam, e se eu o despedisse surgiriam logo uns 50 voluntários para ocupar o seu lugar» (p. 11). Ao assinalar o

²² À maneira de. (N. Ed.)

²³ Zemledéltcheskaia Gazeta (Jornal da Agricultura: órgão do Ministério dos Bens do Estado; a partir de 1894, do Ministério dos Bens do Estado e da Agricultura). Publicou-se em Petersburgo de 1834 a 1917.

²⁴) Krug (círculo): antiga unidade de medição da terra (que compreendia três deciatinas), com a obrigação, ao ser arrendada, de se destinar uma parte para os cultivos de Outono, outra parte para os de Primavera e a outra para pastos. (N. Ed.)

²⁵ Criado de lavoura. (N. Ed.)

êxito da sua propriedade e a habilidade com que os operários manejavam o arado, Engelhardt exclama triunfalmente: «E quem são estes lavradores? Os ignorantes, os negligentes camponeses russos» (p. 225).

Depois de ter refutado com a própria administração da sua propriedade e com o desmascaramento do individualismo camponês todas as ilusões quanto ao «espírito de comunidade», Engelhardt, contudo, não só «acreditava» na possibilidade de os camponeses passarem para a exploração em artel, mas também exprimia a «convicção» de que assim sucederia, de que nós, os russos, seríamos justamente os que realizariam esta grande obra, e introduziríamos novos métodos de administração das explorações. «É precisamente nisso que consiste a particularidade, a originalidade da nossa economia» (p. 349). Engelhardt realista transforma-se em Engelhardt romântico, que compensa a total falta de «originalidade» nos métodos de administração da sua própria propriedade e nos métodos dos camponeses observados por ele com a «fé» numa «originalidade» futura! Esta fé está bem pouco distante dos traços ultrapopulistas que - apesar de em casos muito isolados - se encontram em Engelhardt, de um estreito nacionalismo que confina com o chauvinismo («Também bateremos a Europa», «também na Europa o mujique estará conosco» (p. 387) - dizia Engelhardt a um latifundiário a propósito da guerra), e até da idealização do pagamento em trabalho! Sim, o mesmo Engelhardt que dedicou tantas páginas magníficas do seu livro à descrição da situação desesperada e humilhante do camponês que, tendo tomado de empréstimo dinheiro ou cereais para pagá-los em trabalho, se vê obrigado a trabalhar quase de graça nas piores condições de dependência pessoal²⁶ - este mesmo Engelhardt chegou ao ponto de dizer que «seria bom que o doutor (tratava-se da utilidade e da necessidade do médico no campo. - V. I.) tivesse a sua própria propriedade, para que o mujique pudesse pagar com o seu trabalho a assistência médica» (p. 41). Isto dispensa comentários.

Em resumo, fazendo a comparação dos traços positivos acima citados da concepção do mundo de Engelhardt (ou seja, o que tem de comum com os representantes da «herança» sem qualquer matiz populista) e dos negativos (ou seja, populistas), teremos de reconhecer que os primeiros predominam sem dúvida alguma no autor das cartas Do Campo, ao passo que os segundos são como que interpolações estranhas, casuais, trazidas de fora e que não se coadunam com o tom fundamental do livro.

III - A «Herança» Ganhou Alguma Coisa Associando-se ao Populismo?

- Mas que entende por populismo? - perguntará possivelmente o leitor. Mais acima foi definido o conteúdo do conceito de «herança», mas ainda não foi dada nenhuma definição do conceito de «populismo».

- Por populismo entendemos um sistema de concepções, que compreende os três traços seguintes: 1) Considerar o capitalismo na Rússia como uma decadência, uma regressão. Daí a tendência e o desejo de «deter», de «paralisar», de «cessar a destruição» dos pilares pelo capitalismo e outros lamentos reaccionários semelhantes. 2) Considerar original o regime económico russo em geral e o camponês com a sua comunidade, artel, etc., em particular. Não se considera necessário aplicar às relações económicas russas os conceitos elaborados pela ciência moderna sobre as diferentes classes sociais e os seus conflitos. O campesinato da comunidade é considerado como algo superior e melhor em comparação com o capitalismo; é a idealização dos «pilares». Negam e dissimulam as contradições que existem entre os camponeses, que são inerentes a qualquer economia mercantil e capitalista, negam a relação destas contradições com a sua forma mais desenvolvida na indústria e na agricultura capitalistas. 3) Ignorar as relações entre a «intelectualidade» e as instituições jurídico-políticas do país, por um lado, e os interesses

²⁶ Recordai a cena: o estarosta (isto é, o administrador do latifundiário) chama o camponês para trabalhar quando este tem o seu cereal já a perder o grão, e só a perspectiva de ter de «baixar as calças» no vólost o obriga a obedecer. (Nota do Autor)

materiais de determinadas classes sociais, por outro. A negação desta relação, a ausência de uma interpretação materialista destes factores sociais obriga a ver neles uma força capaz de «empurrar a história por outra via» (Sr. V. V.), «desviar do caminho» (Sr. N.-on, Sr. Iujakov e outros), etc.

Eis o que entendemos por «populismo». O leitor vê, conseqüentemente, que empregamos este termo no sentido amplo da palavra, como o empregam também todos os «discípulos russos», que se pronunciam contra todo um sistema de concepções e não contra este ou aquele representante seu. Entre estes existem, naturalmente, diferenças, e às vezes grandes. Ninguém ignora estas diferenças. Mas os traços dessa concepção do mundo citados são comuns aos diferentes representantes do populismo, começando... bem, digamos, pelo Sr. Iúzov e terminando pelo Sr. Mikháilovski. Os Srs. Iúzov, os Sazónov, V. V. e outros acrescentam aos traços negativos das suas concepções já mencionados ainda outros traços, igualmente negativos, que, por exemplo, não existem nem no Sr. Mikháilovski, nem em outros colaboradores da actual Rússia Bogatstvo. Negar estas diferenças entre populistas no sentido estreito da palavra e os populistas em geral seria, evidentemente, incorrecto, mas seria ainda mais incorrecto ignorar que as concepções socioeconómicas fundamentais de todos e quaisquer populistas coincidem nos pontos principais já citados. Mas como os «discípulos russos» rejeitam precisamente estas concepções fundamentais, e não só os seus «lamentáveis desvios» num sentido pior, têm, evidentemente, o pleno direito de empregar a noção de «populismo» no sentido amplo da palavra. Não só têm o direito como também não podem proceder de outra maneira.

Voltando às concepções fundamentais do populismo já descritas, temos de constatar antes de mais nada que a «herança» não tem absolutamente nada a ver com essas concepções. Toda uma série de incontestáveis representantes e depositários da «herança» não têm nada de comum com o populismo, nem mesmo colocam o problema do capitalismo, não acreditam de modo nenhum na originalidade da Rússia nem da comunidade camponesa, etc., e não vêm na intelectualidade e nas instituições jurídico-políticas um factor capaz de «desviar do caminho». Citámos acima a título de exemplo o director e editor da revista *Véstrnik Evrópi*²⁷, que pode ser acusado de tudo menos de violar as tradições da herança. Pelo contrário, há pessoas que pelas suas concepções se aproximam dos princípios fundamentais do populismo já apontados e que «renegam a herança» directa e abertamente - citemos pelo menos o mesmo Sr. I. Abrámov que é mencionado também pelo Sr. Mikháilovski, ou o Sr. Iúzov. O populismo contra o qual lutam os «discípulos russos» nem mesmo existia quando (usando a linguagem jurídica) se «abriu» a sucessão, ou seja, na década de 60. Germes, embriões do populismo existiam, evidentemente, não só na década de 60, mas também na de 40 e até mesmo antes²⁸ - mas não é a história do populismo que agora nos preocupa. O que é importante para nós, repetimos uma vez mais, é estabelecer que a «herança» da década de 60, no sentido em que a caracterizámos acima, nada tem de comum com o populismo, ou seja, pelo conteúdo das suas concepções, nada há de comum entre eles, pois colocam problemas diferentes. Existem depositários da «herança» que não são populistas e existem populistas que «renegaram a herança». Evidentemente também há populistas que são depositários da «herança» ou que pretendem sê-lo. É precisamente por isso que falamos de uma ligação entre a herança e o populismo. Analisemos, pois, os resultados desta ligação.

Em primeiro lugar, o populismo deu um grande passo em frente em relação à herança ao colocar ao pensamento social problemas que os depositários da herança em parte ainda não tinham podido (na sua época) colocar e em parte não colocaram nem colocam devido à estreiteza de vistas que lhes é própria. A colocação destes problemas é um grande mérito histórico do populismo, e é completamente natural e

²⁷ *Véstrnik Evrópi* (Mensagem da Europa): revista mensal histórico-política e literária, de orientação burguesa liberal. Publicou-se em Petersburgo entre 1866 e 1918. Na revista eram publicados artigos contra os marxistas revolucionários.

²⁸ Ver agora o livro de Tugán-Baranovski *A Fábrica Russa* (São Petersburgo, 1898). (Nota do Autor)

compreensível que o populismo, ao dar uma solução (qualquer que fosse) a estes problemas, ocupasse por isso mesmo um lugar de vanguarda entre as correntes progressistas do pensamento social russo.

Mas a solução que os populistas deram a estes problemas revelou-se totalmente inadequada, pois se baseava em teorias antiquadas, há muito postas de lado na Europa ocidental, na crítica romântica e pequeno-burguesa do capitalismo, na ignorância dos principais factos da história e da realidade russas. Enquanto o desenvolvimento do capitalismo na Rússia e as contradições que lhe são inerentes eram ainda muito fracos, esta crítica primitiva do capitalismo podia manter-se de pé. Mas o populismo não corresponde indubitavelmente ao actual desenvolvimento do capitalismo na Rússia, ao actual estado dos nossos conhecimentos sobre a história e a realidade económica russas, às actuais exigências colocadas à teoria sociológica. Progressista no seu tempo por ter sido o primeiro a colocar o problema do capitalismo, o populismo é agora uma teoria reaccionária e nociva, que desorienta o pensamento social, contribui para a estagnação e para toda a espécie de asiatismos. O carácter reaccionário da sua crítica do capitalismo imprime no momento actual ao populismo traços tais que o colocam abaixo da concepção do mundo que se limita a ser a fiel depositária da herança²⁹. Que assim é, procuraremos comprovar agora pela análise de cada um dos três traços fundamentais da concepção populista do mundo mencionados acima.

Primeiro traço - considerar o capitalismo na Rússia como uma decadência, uma regressão. Quando se colocou o problema do capitalismo na Rússia, logo se tornou evidente que o nosso desenvolvimento económico era capitalista e os populistas consideraram este desenvolvimento como um retrocesso, um erro, um desvio do caminho que seria determinado por toda a história da vida da nação, do caminho que teria sido consagrado pelos pilares seculares, etc., etc. No lugar da fé ardente dos iluministas nesse desenvolvimento social, apareceu a desconfiança nele; no lugar do optimismo histórico e do ânimo elevado, o pessimismo e o desalento baseados na certeza de que quanto mais as coisas avançassem, como avançavam, tanto pior, tanto mais difícil seria a solução dos problemas colocados pelo novo desenvolvimento; aparecem então as propostas de «deter» e «paralisar» esse desenvolvimento; aparece a teoria de que o atraso é a felicidade da Rússia, etc. Todos estes traços da concepção populista do mundo, não só nada têm de comum com a «herança», como a contradizem directamente. Considerar o capitalismo russo como um «desvio do caminho», uma decadência, etc., leva à desnaturação de toda a evolução económica da Rússia, à desnaturação da «substituição» que se efectua diante dos nossos olhos. Animado pelo desejo de deter e cessar a destruição dos pilares seculares pelo capitalismo, o populista incorre numa espantosa falta de tacto histórico, esquece que para trás deste capitalismo nada há senão uma exploração idêntica associada a infinitas formas de sujeição e de dependência pessoal, que agravam a situação do trabalhador; nada há senão a rotina e a estagnação na produção social, e, por conseguinte, em todas as esferas da vida social. Ao lutar contra o capitalismo do seu ponto de vista romântico e pequeno-burguês, o populista abandona todo o realismo histórico, comparando sempre a realidade do capitalismo com a ficção da ordem pré-capitalista. A «herança» da década de 60 com a sua fervorosa fé no carácter progressista deste desenvolvimento social, com a sua implacável hostilidade, única e exclusivamente dirigida contra os vestígios do passado, com a sua convicção de que bastaria apenas acabar por completo com eles e as coisas correriam da melhor maneira possível - esta «herança» não só nada tem de comum com as citadas concepções populistas, como as contradiz directamente.

Segundo traço do populismo - a fé na originalidade da Rússia, a idealização do camponês, da comunidade, etc. A teoria da originalidade da Rússia obrigou os populistas a agarrarem-se a ultrapassadas

²⁹ Já tive a oportunidade de assinalar antes, no artigo sobre o romantismo económico, que os nossos adversários mostram uma miopia espantosa ao interpretar os termos reaccionário, pequeno-burguês como recursos polémicos, ao passo que estas expressões têm um sentido histórico-filosófico bem definido. (Nota do Autor) (Ver V. I. Lênine, Obras Completas, 5.ª ed. em russo, t. 2, p. 211 - N. Ed.)

teorias europeias ocidentais, impeliu-os a uma atitude de impressionante ligeireza para com muitas das conquistas da cultura europeia-ocidental: os populistas consolavam-se com a ideia de que se não temos estes ou aqueles traços da humanidade civilizada, em contrapartida «fomos destinados» a mostrar ao mundo novos métodos de gestão da economia, etc. A análise do capitalismo e de todas as suas manifestações, elaborada pelo pensamento avançado da Europa ocidental, não só não era admitida em relação à santa Rússia, como, pelo contrário, faziam-se todos os esforços para inventar pretextos que impedissem que se chegasse às mesmas conclusões sobre o capitalismo russo que aquelas a que se tinha chegado em relação ao capitalismo europeu. Os populistas prosternavam-se diante dos autores desta análise e ... e continuavam tranquilamente a ser os românticos contra os quais lutaram toda a vida esses autores. Mais uma vez, esta teoria sobre a originalidade da Rússia, comum a todos os populistas, nada tem de comum com a «herança», antes a contradiz directamente. «Os da década de 60», pelo contrário, aspiravam a europeizar a Rússia, acreditavam na sua integração na cultura europeia geral, preocupavam-se com transplantar as instituições desta cultura também para o nosso solo nada original. Qualquer teoria sobre a originalidade da Rússia encontra-se em total discrepância com o espírito da década de 60 e as suas tradições. A idealização e o embelezamento do campo pelos populistas estão ainda menos de acordo com esta tradição. Esta falsa idealização, que desejava ver a todo o custo o nosso campo como algo de especial, algo que em nada se parece com a estrutura de qualquer outro campo de qualquer outro país no período das relações pré-capitalistas, está em flagrante contradição com as tradições da sensata e realista herança. Quanto mais ampla e profundamente se desenvolvia o capitalismo, quanto mais se manifestavam no campo as contradições que são comuns a qualquer sociedade mercantil capitalista, tanto mais agudamente se manifestava a contradição entre as melosas fábulas dos populistas sobre o «espírito de comunidade» e «o espírito de artel» do camponês, etc., por um lado, e, por outro, a divisão de facto do campesinato em burguesia rural e proletariado rural; e tanto mais rapidamente os populistas, que continuavam a ver as coisas com olhos de camponês, se transformavam de românticos sentimentais em ideólogos da pequena burguesia, pois o pequeno produtor na sociedade contemporânea vai-se transformando em produtor de mercadorias. A falsa idealização do campo e os sonhos românticos sobre o «espírito de comunidade» fizeram com que os populistas adoptassem uma atitude de extrema ligeireza em relação às verdadeiras necessidades dos camponeses, que decorrem do desenvolvimento económico actual. Em teoria, podia-se falar quanto se quisesse da força dos pilares, mas, na prática, cada populista sentia muito bem que a eliminação dos vestígios do passado, dos restos do regime anterior à reforma, que continuam até hoje a enredar da cabeça aos pés o nosso campesinato, abriria caminho precisamente ao desenvolvimento capitalista e não a qualquer outro. É preferível a estagnação ao progresso capitalista - tal é, no fundo, o ponto de vista de cada populista sobre o campo, mesmo que, evidentemente, nem todos os populistas se decidam a dizê-lo aberta e directamente com a ingénua franqueza do Sr. V. V. «Os camponeses, amarrados como estão aos seus lotes e às suas comunidades, privados da possibilidade de empregar o seu trabalho onde seja mais produtivo e mais vantajoso para eles, ficaram como que congelados nesta forma de vida semelhante à de um rebanho, improdutiva, tal como saíram da servidão.» Esta era a opinião de um dos representantes da «herança» com o seu ponto de vista característico de «iluminista»³⁰. «É melhor que os camponeses continuem a congelar-se na sua forma de vida rotineira, patriarcal, do que abrir o caminho para o capitalismo no campo» - assim pensa, no fundo, cada populista. Na realidade, não se encontrará provavelmente nenhum populista que ouse negar que o carácter fechado do ponto de vista dos estados sociais da comunidade camponesa, com a sua caução solidária e com a proibição da venda da terra e da renúncia ao lote está em flagrante contradição com a realidade económica actual, com as actuais relações mercantis capitalistas e o seu desenvolvimento. É impossível negar esta contradição, mas a essência da questão é que os populistas temem como o fogo colocar o problema assim, confrontar assim a situação jurídica do campesinato com a actual realidade económica, com o actual desenvolvimento económico. O populista obstina-se em acreditar num desenvolvimento

³⁰ Lénine tinha em vista Skáldine, de cujo livro cita as palavras.

inexistente, criado pela sua fantasia romântica, sem capitalismo, e por isso ... por isso ele está disposto a deter o desenvolvimento actual, que segue a via capitalista. Quanto aos problemas relativos ao carácter fechado do ponto de vista dos estados sociais da comunidade camponesa, à caução solidária e ao direito de os camponeses venderem a terra ou de renunciarem ao lote, o populista não só tem uma atitude de grande preocupação e temor pelo destino dos «pilares» (pilares de rotina e de estagnação) como cai tão baixo que felicita a proibição policial de os camponeses venderem a sua terra. «O mujique é estúpido - poder-se-ia dizer a tal populista repetindo as palavras de Engelhardt -, é incapaz de arranjar-se sozinho. Se ninguém se preocupa com ele, é capaz de queimar todos os bosques, exterminar todos os pássaros, pescar todos os peixes, esgotar a terra e acabar consigo mesmo.» Aqui o populista «renega a herança» directamente, tornando-se reaccionário. E é preciso notar que esta destruição do carácter fechado da comunidade camponesa do ponto de vista dos estados sociais se torna, à medida que o desenvolvimento económico avança, uma necessidade cada vez mais imperiosa para o proletariado rural, ao passo que para a burguesia camponesa os inconvenientes que daí derivam não são de modo algum tão consideráveis. O «mujique empreendedor» pode arrendar com facilidade terra noutra lugar, abrir um estabelecimento noutra povoação e viajar para onde e quando quiser para tratar de negócios. Mas para o «camponês» que vive principalmente da venda da sua força de trabalho, a sujeição ao lote e à comunidade significa uma enorme restrição da sua actividade económica, significa a impossibilidade de encontrar um patrão melhor, significa a necessidade de vender a sua força de trabalho precisamente aos seus compradores locais que pagam sempre menos e procuram toda a espécie de meios para o sujeitar. - Uma vez que caiu no domínio dos sonhos românticos, que se propôs como objectivo apoiar e preservar os pilares a despeito do desenvolvimento económico, o populista deslizou, sem se dar conta, por este plano inclinado até se encontrar ao lado do agrário, que anseia de todo o coração a manutenção e consolidação dos «laços do camponês com a terra». Basta recordar como este carácter fechado da comunidade camponesa do ponto de vista dos estados sociais originou modos particulares de contratação de operários: os proprietários de fábricas e de explorações agrícolas enviam os seus agentes às aldeias, principalmente às atrasadas no pagamento de impostos, para contratarem trabalhadores do modo mais vantajoso. Felizmente, o desenvolvimento do capitalismo na agricultura, destruindo a vida «sedentária» do proletário (tal é o efeito do trabalho dos camponeses fora da sua povoação) substitui gradualmente esta escravidão pela contratação livre.

Mais uma confirmação, e talvez não menos importante, da nossa tese sobre o carácter nocivo das actuais teorias populistas é-nos dada pelo facto de, entre os populistas, ser corrente a idealização do pagamento em trabalho. Acima citámos o exemplo de como Engelhardt, ao cair no pecado populista, chegou mesmo a dizer que «seria bom» desenvolver no campo o pagamento em trabalho! Isto mesmo encontramos-lo no famoso projecto do Sr. Iujakov acerca das escolas secundárias agrícolas (Rússkoie Bogatstvo, 1895, n.º 5)³¹. Na mesma idealização incorreu o Sr. V. V., colaborador como Engelhardt da revista, o qual afirmou em artigos económicos sérios que o camponês conquistou uma vitória sobre o latifundiário, que segundo ele desejava instaurar o capitalismo; mas o mal consistia em que o camponês se encarregava de trabalhar terras do latifundiário recebendo em troca terras «em arrendamento», ou seja, tinha restaurado exactamente o mesmo modo de economia que já existia no regime de servidão. Estes são os exemplos mais palpáveis da atitude reaccionária dos populistas em relação aos problemas da nossa agricultura. O leitor poderá encontrar esta ideia de forma menos aguda em cada populista. Todo o populista fala do carácter prejudicial e perigoso do capitalismo na nossa agricultura, pois este, vejam lá, substitui o camponês independente pelo assalariado agrícola. A realidade do capitalismo (o «assalariado agrícola») é contraposta à ficção do camponês «independente»; esta ficção baseia-se no facto de o camponês da época pré-capitalista dispor dos meios de produção, mas silencia-se discretamente o facto de ter de pagar por estes meios de produção o dobro do seu valor; de estes meios de produção servirem para o pagamento em

³¹ Ver V. I. Lénine, Obras Completas, 5.ª ed. em russo, t. 2, pp.61-69 e471-504. (N. Ed.)

trabalho; de o nível de vida deste camponês «independente» ser tão baixo que em qualquer país capitalista seria considerado indigente; de à extrema miséria e à inércia mental deste camponês «independente» se ter de acrescentar ainda a dependência pessoal que acompanha inevitavelmente as formas pré-capitalistas de economia.

O terceiro traço característico do populismo - ignorar as relações entre a intelectualidade e as instituições jurídico-políticas do país, por um lado, e os interesses materiais de determinadas classes sociais, por outro - está estreitamente ligado aos precedentes: só falta de realismo na abordagem dos problemas sociológicos pôde gerar a teoria de que o capitalismo russo é um «erro» e de que é possível «desviar do caminho». Também esta concepção do populismo não tem relação alguma com a «herança» e as tradições da década de 60, pelo contrário, contradiz directamente estas tradições. Desta concepção decorre naturalmente a atitude dos populistas para com os inúmeros vestígios da regulamentação anterior à reforma na vida russa, que não poderia ser de modo algum partilhada pelos representantes da «herança». Para a caracterização desta atitude permitir-nos-emos utilizar as excelentes observações do Sr. V. Ivanov no artigo Uma Infeliz Invenção («Nóvoie Slovo»³², Setembro de 1897). O seu autor refere-se ao conhecido romance do Sr. Boboríkine De Outra Maneira e revela a sua incompreensão da discussão dos populistas com os «discípulos». O Sr. Boboríkine põe na boca do herói do seu romance - um populista - uma censura aos «discípulos» que, segundo ele, sonham com «um quartel com o intolerável despotismo da regulamentação». O Sr. V. Ivanov observa a este respeito:

«Sobre o intolerável despotismo da "regulamentação" como um "sonho" dos seus adversários, eles (os populistas) não só não falaram, como também, permanecendo populistas, não podem falar e não falarão. A essência da sua discussão com os "materialistas económicos" neste domínio consiste precisamente no facto de os vestígios da antiga regulamentação que se conservaram no nosso país poderem, na opinião dos populistas, servir de base para o ulterior desenvolvimento da regulamentação. O carácter intolerável desta antiga regulamentação é-lhes ocultado, por um lado, pela ideia de que "a própria alma camponesa (única e indivisível) está a evoluir" para a regulamentação e, por outro, pela convicção de que existe ou virá a existir a beleza moral da "intelectualidade", da "sociedade" ou das "classes dirigentes" em geral. Acusam os materialistas económicos de paixão não pela "regulamentação", mas, pelo contrário, pela ordem europeia ocidental, que tem por base a ausência de regulamentação. Os materialistas económicos afirmam realmente que os vestígios da antiga regulamentação, surgida na base da economia natural, se tornam cada dia mais "intoleráveis" num país que passou à economia monetária, a qual provoca numerosas modificações tanto na situação real como na fisionomia intelectual e moral das diferentes camadas da sua população. Por isso, estão convencidos de que as condições necessárias para o surgimento de uma nova "regulamentação" benéfica para a vida económica do país não podem desenvolver-se na base dos vestígios de uma regulamentação adaptada à economia natural e à servidão, mas somente numa atmosfera de ausência ampla em todos os aspectos da antiga regulamentação como existe nos países avançados da Europa ocidental e da América. É neste estado que se encontra o problema da "regulamentação" na discussão entre os populistas e os seus adversários» (pp. 11-12, loc. cit.). Esta atitude dos populistas para com os «vestígios da antiga regulamentação» representa talvez o maior afastamento dos populistas em relação às tradições da «herança». Os representantes desta última, como já vimos, distinguiram-se pela irrevogável e apaixonada condenação de todos os vestígios da antiga regulamentação. Portanto, neste aspecto, os «discípulos» estão incomparavelmente mais próximos das «tradições» e da «herança» da década de 60 do que os populistas.

³² Nóvoie Slovo (A Nova Palavra): revista científico-literária e política mensal. Foi editada em Petersburgo a partir de 1894 pelos populistas liberais, e a partir do início de 1897 pelos «marxistas legais» (P. B. Struve, M. I. Túgan-Baranóvski e outros). Em Dezembro de 1897 a revista foi encerrada pelo governo tsarista.

A falta de realismo sociológico, além do já citado erro extremamente importante dos populistas, conduziu também a uma maneira especial de pensar e de reflectir sobre assuntos e problemas sociais, a que se pode chamar presunção estreitamente intelectualista ou, talvez, mentalidade burocrática. O populista está sempre a discorrer sobre que caminho «nós» devemos escolher para a pátria, que desgraças teremos de enfrentar se «nós» encaminharmos a pátria por tal ou tal caminho, que resultados «nós» poderíamos assegurar se evitássemos os perigos do caminho pelo qual seguiu a velha Europa, se «tomássemos o que há de melhor» tanto da Europa como da nossa tradicional comunidade, etc., etc. Daí a total falta de fé e o desdém do populista pelas tendências independentes das diferentes classes sociais, que fazem a história de acordo com os seus interesses. Daí a espantosa ligeireza com que o populista se lança (esquecendo-se das circunstâncias que o rodeiam) a todo o tipo de projectomania social, começando pela «organização do trabalho agrícola» e terminando pela «comunalização da produção» por meio dos esforços da nossa «sociedade». «Mit der Gründlichkeit der geschichtlichen Action wird der Umfang der Masse zunehmen, deren Action sie ist»³³ - nestas palavras está expressa uma das mais profundas e mais importantes teses da teoria histórico-filosófica que os nossos populistas não querem e não podem compreender. Na medida em que se amplia e aprofunda a criação histórica dos homens deve crescer também a massa da população que é o agente histórico consciente. O populista, porém, sempre considerou a população em geral e a população trabalhadora em particular como objecto destas ou daquelas medidas mais ou menos razoáveis, como qualquer coisa que deve ser encaminhada por esta ou aquela via, e nunca olhou para as diferentes classes da população como agentes históricos independentes numa dada via, nunca colocou o problema das condições dessa via, que podem estimular (ou, pelo contrário, paralisar) a actividade independente e consciente destes criadores da história.

Assim, apesar de o populismo ter dado um grande passo em frente em relação à «herança» dos iluministas ao colocar o problema do capitalismo na Rússia, a solução que deu a este problema foi tão insatisfatória, em consequência do seu ponto de vista pequeno-burguês e da sua crítica sentimental do capitalismo, que numa série de importantes questões da vida social ficou atrás em comparação com os «iluministas». A associação do populismo com a herança e com as tradições dos nossos iluministas mostrou-se no fim de contas um facto negativo: os novos problemas que o desenvolvimento da Rússia posterior à reforma colocou ao pensamento social russo não foram solucionados pelo populismo, que se limitou a lamentações sentimentais e reaccionárias a seu respeito, e obscureceu com o seu romantismo os velhos problemas, que já tinham sido levantados pelos iluministas, e retardou a sua completa solução.

IV — Os «Iluministas», os Populistas e os «Discípulos»

Agora podemos fazer um balanço dos paralelos por nós traçados. Procuraremos caracterizar de forma breve a relação existente entre as três correntes do pensamento social citadas no subtítulo.

O iluminista confia no actual desenvolvimento social, pois não percebe as contradições que lhe são inerentes. O populista teme este desenvolvimento por ter notado já estas contradições. O «discípulo» confia no actual desenvolvimento social, pois vê a garantia de um futuro melhor unicamente no pleno desenvolvimento destas contradições. A primeira e a última correntes tendem por isso a apoiar, acelerar e facilitar o desenvolvimento pelo caminho actual, a eliminar todos os obstáculos que entram e retardam este desenvolvimento. O populismo, pelo contrário, tende a deter e paralisar este desenvolvimento, teme a destruição de certos obstáculos que se opõem ao desenvolvimento do capitalismo. A primeira e a última

³³ Marx, Die heilige Familie [Marx, A Sagrada Família - N. Ed.], 120. Segundo Béltov [O pseudónimo N. Béltov foi usado por G. V. Plekhánov ao publicar o conhecido livro Sobre a Questão do Desenvolvimento da Concepção Monista da História, livro editado legalmente em Petersburgo, em 1895.], p. 235. (Nota do Autor) [«Juntamente com o carácter fundamental da acção histórica crescerá o volume da massa cuja acção ela é.» - N. Ed.]

correntes caracterizam-se pelo que se pode chamar optimismo histórico: quanto mais longe e mais depressa as coisas caminharem, como estão a caminhar, tanto melhor. O populismo, pelo contrário, conduz naturalmente ao pessimismo histórico: quanto mais longe as coisas caminharem assim, tanto pior. Os «iluministas» nem sequer levantaram os problemas relativos ao carácter do desenvolvimento posterior à reforma, limitando-se exclusivamente à guerra contra os vestígios do regime anterior à reforma, à tarefa negativa de abrir o caminho para um desenvolvimento europeu da Rússia. O populismo colocou o problema do capitalismo na Rússia, mas resolveu-o no sentido de que o capitalismo era reaccionário, e por isso não pôde receber integralmente a herança dos iluministas: os populistas sempre combateram aqueles que aspiram à europeização da Rússia em geral partindo do ponto de vista da «unidade da civilização»; e faziam-no não só porque não podiam limitar-se aos ideais dessas pessoas (em tal caso a guerra seria justa), mas porque não queriam ir tão longe no desenvolvimento desta civilização, quer dizer, a civilização capitalista. Os «discípulos» resolvem o problema do capitalismo na Rússia no sentido de que ele é progressivo, e por isso não só podem como devem aceitar plenamente a herança dos iluministas, completando-a com a análise das contradições do capitalismo do ponto de vista dos produtores que não são proprietários. Os iluministas não destacaram como objecto de atenção especial nenhuma classe da população, falavam não só do povo em geral como mesmo da nação em geral. Os populistas desejavam representar os interesses do trabalho, sem especificar, contudo, determinados grupos do sistema actual de economia; na prática, adoptavam sempre o ponto de vista do pequeno produtor, o qual o capitalismo converte em produtor de mercadorias. Os «discípulos» não só tomam como critério os interesses do trabalho, como indicam além disso grupos económicos totalmente definidos da economia capitalista, ou seja, os produtores que não são proprietários. A primeira e a última correntes correspondem, pelo conteúdo das suas aspirações, aos interesses das classes que são criadas e desenvolvidas pelo capitalismo; o populismo corresponde, pelo seu conteúdo, aos interesses da classe dos pequenos produtores, da pequena burguesia, que ocupa uma posição intermédia entre as outras classes que compõem a sociedade actual. Por isso, a atitude contraditória do populismo para com a «herança» não é de modo algum casualidade, mas o resultado necessário do próprio conteúdo das concepções populistas: nós vimos que um dos traços fundamentais das concepções dos iluministas era a sua ardente aspiração de europeizar a Rússia, enquanto os populistas não podem, sem deixar de ser populistas, compartilhar plenamente esta aspiração.

Em resumo, chegámos à conclusão que já foi indicada por nós acima por mais de uma vez, por motivos particulares: os discípulos são muito mais consequentes e muito mais fiéis depositários da herança do que os populistas. Não só não renegam a herança, como, pelo contrário, consideram que uma das suas tarefas mais importantes é refutar os receios românticos e pequeno-burgueses que obrigam os populistas a renunciar aos ideais europeus dos iluministas em muitos e muito importantes pontos. É evidente que os «discípulos» não conservam a herança como os arquivistas conservam papéis velhos. Ser depositário da herança não significa de modo algum limitar-se à herança; e à defesa dos ideais gerais do europeísmo os «discípulos» acrescentam a análise das contradições inerentes ao nosso desenvolvimento capitalista, e a apreciação deste desenvolvimento do ponto de vista específico citado acima.

V - O Sr. Mikháilovski e a Renúncia dos «Discípulos» à Herança

Para terminar, voltemos novamente ao Sr. Mikháilovski e ao exame das suas afirmações acerca do problema que nos interessa. O Sr. Mikháilovski declara não só que esta gente (os discípulos) «não deseja ter nenhum laço de continuidade com o passado e renuncia decididamente à herança» (loc. cit., 179), mas, além disso, que «eles» (juntamente com outras pessoas das mais diferentes correntes, incluindo o Sr. Abrámov, o Sr. Volínski e o Sr. Rózanov) «arremetem contra a herança com extraordinária fúria» (180). - De que herança fala o Sr. Mikháilovski? - Da herança das décadas de 60 e 70, da herança que renegou e renega solenemente o jornal Moskóvskie Védomosti (178).

Já mostrámos que quando se fala da «herança» que foi legada aos nossos contemporâneos é necessário distinguir duas heranças: uma é a dos iluministas em geral, pessoas absolutamente hostis a tudo o que é anterior à reforma e que se pronunciaram a favor dos ideais europeus e dos interesses da grande massa da população. A outra herança é a dos populistas. Já mostrámos que confundir estas duas coisas diferentes seria um grosseiro erro, pois todos sabem que houve e há pessoas que conservam as «tradições da década de 60» sem terem nada de comum com o populismo. Todas as observações do Sr. Mikháilovski assentam inteira e exclusivamente na confusão destas duas heranças totalmente diferentes. Ora, como o Sr. Mikháilovski não pode ignorar esta diferença, o seu ataque adquire um carácter bem definido, não só de um ataque absurdo, mas também calunioso. O Moskóvskie Védomosti tem atacado em especial o populismo? - De modo algum: tem atacado não menos, mas ainda mais, os iluministas em geral, e a Véstnik Evrópi, totalmente estranha ao populismo, não é para este jornal menos inimiga do que a populista Rússkoie Bogatstvo. Com aqueles populistas que mais decididamente renegaram a herança, por exemplo com Iúзов e com o Moskóvskie Védomosti não estaria evidentemente de acordo em muitos pontos, mas é muito pouco provável que se lançasse contra ele com tanta fúria, e, de qualquer modo, já o teria elogiado por aquilo que o distingue dos populistas que desejam ser depositários da herança. - O Sr. Abrámov e o Sr. Volínski atacaram o populismo? - De modo algum. O primeiro é ele próprio populista; ambos atacaram os iluministas em geral. - Os «discípulos russos» atacaram os iluministas russos? Renegaram alguma vez a herança que nos legou uma inegável hostilidade ao modo de vida anterior à reforma e aos seus vestígios? - Não só não atacaram mas, pelo contrário, desmascararam a tendência dos populistas para defenderem alguns destes vestígios por causa do medo pequeno-burguês perante o capitalismo. - Atacaram alguma vez a herança que nos legou os ideais europeus em geral? - Não, não só não atacaram, mas, pelo contrário, desmascararam os populistas pelo seu afã de substituírem - em muitos e muito importantes problemas - os ideais europeus gerais por toda uma série de absurdas invenções originais. - Atacaram alguma vez a herança que nos legou a preocupação pelos interesses das massas trabalhadoras da população? - Não só não atacaram, mas, pelo contrário, denunciaram os populistas pela sua inconsequência na preocupação por estes interesses (pois eles confundem obstinadamente a burguesia camponesa com o proletariado rural); por reduzirem o benefício que poderia resultar destas preocupações porque em vez de prestarem atenção ao que é, sonham com o que deveria ser; porque as suas preocupações são extremamente estreitas, pois nunca souberam apreciar devidamente as condições (económicas e outras) que facilitam ou dificultam a essas pessoas a possibilidade de se preocuparem elas próprias com os seus próprios interesses.

O Sr. Mikháilovski pode não concordar com a justeza destas denúncias e, como populista, compreende-se que ele não concordará com elas, mas acusar de «furiosos» ataques à «herança das décadas de 60 e 70» pessoas que na realidade atacam «furiosamente» apenas o populismo, que o atacam porque ele não soube resolver os novos problemas colocados pela história posterior à reforma no espírito desta herança e sem a contradizer, dizer tal coisa significa deturpar directamente os factos.

É divertido ver o Sr. Mikháilovski indignar-se com o facto de os «discípulos» «nos» (ou seja, os publicistas da Rússkoie Bogatstvo) confundirem de bom grado com os «populistas» e outras pessoas estranhas à Rússkoie Bogatstvo (p. 180). Esta curiosa tentativa de se diferenciar dos «populistas», conservando ao mesmo tempo todas as concepções fundamentais do populismo, apenas pode provocar o riso. Toda a gente sabe que todos os «discípulos russos» empregam as palavras «populista» e «populismo» no sentido amplo. Que entre os populistas há muitos matizes diferentes, isso ninguém o esqueceu ou negou: nem P. Struve, nem N. Béltov, por exemplo, «confundiram» nos seus livros o Sr. Mikháilovski com o Sr. V. V., nem mesmo com o Sr. Iujakov, ou seja, não dissimulavam as diferenças entre as suas concepções nem atribuíram a um as concepções do outro. P. B. Struve indicou mesmo expressamente a diferença entre as concepções do Sr. Iujakov e as concepções do Sr. Mikháilovski. Uma

coisa é confundir as diferentes concepções; outra coisa é generalizar e incluir na mesma categoria escritores que, apesar das diferenças em muitos problemas, estão de acordo nos pontos fundamentais e principais, contra os quais se erguem precisamente os «discípulos». Para estes o importante não é mostrar, por exemplo, que as concepções que diferenciam um Sr. Iúzov dos outros populistas não servem: o importante é refutar as concepções que são comuns ao Sr. Iúzov, ao Sr. Mikháilovski e a todos os populistas em geral, ou seja, a sua atitude face à evolução capitalista da Rússia, a sua maneira de encarar os problemas económicos e publicísticos do ponto de vista do pequeno produtor, a sua incompreensão do materialismo social (ou histórico). Estes traços constituem o património comum de toda uma corrente do pensamento social que desempenhou um importante papel histórico. Nesta vasta corrente existem os mais diferentes matizes, existem flancos de direita e de esquerda, há pessoas que desceram até ao nacionalismo e ao anti-semitismo, etc., e há pessoas que não podem ser culpadas disso; há pessoas que têm uma atitude de menosprezo para com muitos legados da «herança», e há pessoas que se esforçam, na medida do possível (ou seja, na medida do possível para um populista), por preservar esses legados. Nenhum dos «discípulos russos» negou estas diferenças entre os diversos matizes, a nenhum deles poderia o Sr. Mikháilovski acusar de ter atribuído as concepções de um populista de um matiz a um populista de outro matiz. Mas se estamos contra as concepções fundamentais que são comuns a todos esses matizes, para que falar das diferenças particulares de uma corrente comum? É uma exigência totalmente desprovida de sentido! A identidade de concepções sobre o capitalismo russo, sobre a «comunidade» camponesa, sobre a onnipotência da chamada «sociedade» em autores que estão longe de serem solidários em tudo, foi assinalada mais de uma vez pela nossa literatura muito antes do surgimento dos «discípulos», e não só foi assinalada, mas exaltada como uma feliz peculiaridade da Rússia. O termo «populismo», no sentido amplo, foi também empregado na nossa literatura muito antes do surgimento dos «discípulos». O Sr. Mikháilovski não só colaborou muitos anos na mesma revista com o «populista» (no sentido estreito) Sr. V. V., mas também compartilhou com ele os traços fundamentais citados mais acima dessas concepções. Ao refutar nas décadas de 80 e de 90 certas conclusões do Sr. V. V., rejeitando como incorrectas as suas digressões no domínio da sociologia abstracta, o Sr. Mikháilovski, todavia, nesses mesmos anos ressalvava que a sua crítica não era de modo algum dirigida contra os trabalhos económicos do Sr. V. V., e que se solidarizava com ela nas concepções fundamentais sobre o capitalismo russo. Por isso, se agora os pilares da Rússia Bogatstvo, que tanto fizeram pelo desenvolvimento, fortalecimento e difusão das concepções populistas (no sentido amplo), pensam em ver-se livres da crítica dos «discípulos russos» pela simples declaração de que não são «populistas» (no sentido estreito), que constituem uma «escola ético-social» completamente distinta, esta argúcia, naturalmente, não pode senão provocar a troça justificada em relação a pessoas tão corajosas e ao mesmo tempo tão diplomáticas.

Na p. 182 do seu artigo, o Sr. Mikháilovski apresenta ainda o seguinte argumento fenomenal contra os «discípulos». O Sr. Kaménski ataca mordazmente os populistas³⁴; isto, vejam bem, «é sintoma de que ele está zangado, mas não tem nenhum direito a isso (sic!!). Nós, "os velhos subjectivos", assim como os "jovens subjectivos", sem entrar em contradição com nós próprios, podemos permitir-nos essa fraqueza. Mas os representantes da teoria "justamente orgulhosa da sua inexorável objectividade" (expressão de um dos "discípulos"), encontram-se numa situação diferente».

Que significa isto?! Se as pessoas exigem que as concepções sobre os fenómenos sociais se apoiem numa análise inexoravelmente objectiva da realidade do desenvolvimento real, ter-se-á de deduzir daí que não têm direito de se zangarem?! Mas isso é simplesmente um galimatias, um absurdo! Não teria ouvido dizer, Sr. Mikháilovski, que o famoso tratado sobre O Capital é considerado como um dos modelos notáveis de objectividade inexorável na investigação dos fenómenos sociais? Para toda uma série de

³⁴ Trata-se do artigo de G. V. Plekhánov Sobre a Concepção Materialista da História, publicado em 1897 sob a assinatura N. Kaménski, no nº 12 (Setembro) da revista Nóvoie Slovo.

homens de ciência e economistas o defeito principal e fundamental deste tratado é precisamente a sua inexorável objectividade. E, contudo, raros são os tratados científicos em que poderá encontrar tanto «coração», tantos ardorosos e apaixonados ataques polémicos contra os representantes das concepções atrasadas, contra os representantes das classes sociais que, segundo o autor, entravam o desenvolvimento social. O escritor, que mostrou com inexorável objectividade que as concepções, digamos, de Proudhon são um reflexo natural, compreensível e inevitável dos pontos de vista e do estado de espírito do petit bourgeois³⁵ francês, contudo «atacou» com a mais viva paixão e com ardorosa indignação este ideólogo da pequena burguesia. Sustentará o Sr. Mikháilovski que aqui Marx «se contradiz»? Se uma teoria exige de todo o homem público uma análise inexoravelmente objectiva da realidade e das relações que ela origina entre as diferentes classes, por que milagre se pode tirar daqui a conclusão de que o homem público não deve simpatizar com tal ou tal classe, que ele «não tem direito» a isso? É até ridículo falar aqui de dever, pois nenhuma pessoa viva pode deixar de tomar partido por tal ou tal classe (logo que tenha compreendido a relação entre elas), pode deixar de se regozijar com os êxitos desta classe, pode deixar de se amargurar com os seus reveses, pode deixar de se indignar contra aqueles que se mostram hostis a ela, contra aqueles que entravam o seu desenvolvimento pela difusão de concepções atrasadas, etc., etc. O ridículo ataque do Sr. Mikháilovski mostra apenas que ele ainda se orienta mal na questão completamente elementar da diferença entre o determinismo e o fatalismo.

«"O capital avança"!», isto é indubitável - escreve o Sr. Mikháilovski —, mas (sic!) o problema consiste em saber como o receber» (p. 189).

O Sr. Mikháilovski descobre a América, levanta um «problema» em que os «discípulos russos» nem sequer tinham pensado! Não foi sem dúvida sobre este problema que os «discípulos russos» estiveram em desacordo com os populistas! Só se pode «receber» de duas maneiras o capitalismo que se está a desenvolver na Rússia: considerando-o como um fenómeno progressivo ou como um fenómeno regressivo; como um passo em frente no verdadeiro caminho, ou como um desvio desse caminho; apreciando-o do ponto de vista de classe dos pequenos produtores, que o capitalismo destrói, ou do ponto de vista de classe dos produtores não proprietários, que o capitalismo cria. Não há meio termo³⁶. Consequentemente, se o Sr. Mikháilovski nega a justeza da atitude para com o capitalismo em que persistem os «discípulos», isso quer dizer que adopta a atitude dos populistas que exprimiu muitas vezes com plena clareza nos seus artigos anteriores. O Sr. Mikháilovski não apresentou nem apresenta nenhum complemento nem nenhuma alteração dos seus velhos pontos de vista sobre este problema, continuando a ser populista como antes. - Não, de modo nenhum! Ele não é populista. Deus o livre! É representante da «escola ético-sociológica»...

«Não nos venham falar - continua o Sr. Mikháilovski - dos bens futuros (??) que trará (?) consigo o ulterior desenvolvimento do capitalismo.»

O Sr. Mikháilovski não é populista. Limita-se apenas a repetir integralmente os erros dos populistas e os seus métodos incorrectos de raciocínio. Quantas vezes não se disse aos populistas que tal modo de pôr o problema «sobre o futuro» é incorrecto, que não se trata das «futuras», mas das reais mudanças progressivas das relações pré-capitalistas, que já estão em curso, que o desenvolvimento do capitalismo na Rússia traz (e não que trará). Remetendo o problema para o domínio do «futuro», o Sr. Mikháilovski, no fundo, considera como demonstradas exactamente as teses que são refutadas pelos «discípulos».

³⁵ Pequeno burguês. (N. Ed.)

³⁶ Não falamos, evidentemente, da recepção que não considera necessário de modo nenhum guiar-se pelos interesses do trabalho ou para a qual a própria generalização expressa pelo termo «capitalismo» é incompreensível e ininteligível. Por mais importantes que sejam na vida russa as correntes de pensamento social referentes a este problema, elas nada têm a ver com a disputa entre os populistas e os seus adversários e não há nenhuma razão para as envolver nela. (Nota do Autor)

Considera como demonstrado que, na realidade, em tudo o que está a suceder ante os nossos olhos, o desenvolvimento do capitalismo não traz nenhuma modificação progressiva às velhas relações económico-sociais. É precisamente nisto que consiste a concepção populista e é contra ela que polemizam os «discípulos russos», demonstrando o contrário. Não há um único livro publicado pelos «discípulos russos» em que não se fale e se demonstre que a substituição do pagamento em trabalho pelo trabalho assalariado na agricultura, que a substituição da chamada indústria «artesanal» pela fabril é um fenómeno real que ocorre (e com enorme rapidez) ante os nossos olhos, e de modo algum um fenómeno só «do futuro»; que esta substituição é em todos os aspectos um fenómeno progressivo; que destrói a produção manual, pequena, rotineira e dispersa, que se caracterizava pela sua secular imobilidade e estagnação; que aumenta a produtividade do trabalho social e com isso cria a possibilidade de elevar o nível de vida do trabalhador; que cria as condições para a transformação dessa possibilidade em necessidade, quer dizer: que transformam o «proletário sedentário» abandonado «numa aldeia perdida», sedentário tanto no sentido físico como moral, num proletário móvel; que transforma as formas asiáticas de trabalho com as suas infinitas variedades de sujeição e de dependência pessoal em formas europeias; que o «modo europeu de pensar e de sentir não é menos necessário (notai bem: necessário - V.I.) para a utilização efectiva das máquinas do que o vapor, o carvão e a técnica»³⁷, etc. Tudo isto diz e demonstra, repetimos, cada «discípulo», mas tudo isto, pelos vistos, nada tem a ver com o Sr. Mikháilovski «e companhia»: tudo isto se escreve somente contra os «populistas» «alheios» à Rússkoie Bogatstvo. Porque a Rússkoie Bogatstvo é uma «escola ético-sociológica», cuja essência consiste em fazer passar velharias sob uma nova bandeira.

Como já assinalámos acima, o objectivo do nosso artigo é refutar as invenções, muito difundidas na imprensa liberal-populista, de que os «discípulos russos» renegam a «herança», rompem com as melhores tradições da melhor parte da sociedade russa, etc. Não deixa de ter interesse notar que o Sr. Mikháilovski, ao repetir estas frases gastas, disse no fundo exactamente o mesmo que tinha declarado muito antes dele e de maneira muito mais categórica o Sr. V. V., «populista» «alheio» à Rússkoie Bogatstvo. Conhece o leitor os artigos publicados por este escritor no Nedélia³⁸ há três anos, nos fins de 1894, em resposta ao livro de P. B. Struve? Na verdade, na minha opinião o leitor não perdeu nada se não os conhece. A ideia fundamental destes artigos consiste em que os «discípulos russos», segundo ele, rompem a linha democrática que se estende ao longo de todas as correntes progressistas do pensamento social russo.

Não será o mesmo, apesar de em palavras um pouco diferentes, que repete agora o Sr. Mikháilovski acusando os «discípulos» de renunciarem à «herança», que é atacada com fúria pelo Moskóvskie Védomosti? Na realidade, como vimos, os autores desta invenção atribuem a outros a sua afirmação absurda de que a ruptura definitiva dos «discípulos» com o populismo significa a ruptura com as melhores tradições da melhor parte da sociedade russa. Não será ao contrário, senhores? Não significa esta ruptura limpar de populismo estas melhores tradições?

³⁷ Palavras de Schulze-Gaevernitz em Schmollers Jahrbuch, 1896, no seu artigo sobre a indústria do algodão de Moscovo-Vladimir. (Nota do Autor) [Schmollers Jahrbuch (Anuário de Schmoller): o título completo é Jahrbuch für Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaft im Deutschen Reich (Anuário de Legislação, Gestão e Economia Nacional no Império Alemão), revista de economia política; foi editada a partir de 1877 pelos economistas burgueses alemães, representantes do socialismo de cátedra, F. Goltzendorf e L. Brentano, e a partir de 1881 por G. Schmoller.]

³⁸ Nedélia (A Semana): jornal político e literário dos populistas liberais. Publicou-se em Petersburgo de 1866 a 1901. O jornal opunha-se à luta contra a autocracia, propagava a chamada teoria das «pequenas acções», ou seja, apelava para que os intelectuais renunciassem à luta revolucionária e se ocupassem da «acção cultural».